

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**MUSEU NACIONAL  
DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA**



**COMPARANDO RITOS FUNERÁRIOS DA CULTURA EGÍPCIA  
E JUDAICA – UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

**FELIPE MARCEL BARI DA SILVA**

Rio de Janeiro

Janeiro 2017

MUSEU NACIONAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

COMPARANDO RITOS FUNERÁRIOS DA CULTURA EGÍPCIA E JUDAICA –  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Felipe Marcel Bari da Silva

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geologia do Quaternário, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Geologia do Quaternário.

Orientadora: Cláudia Rodrigues de Carvalho

Coorientadora: Arlette David

Rio de Janeiro

Janeiro, 2017

COMPARANDO RITOS FUNERÁRIOS DA CULTURA EGÍPCIA E JUDAICA  
– UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Felipe Marcel Bari da Silva

Orientador: Cláudia Rodrigues Ferreira de Carvalho

Coorientadora: Arlette David

Monografia submetida ao Programa de Pós-graduação em Geologia do Quaternário, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Geologia do Quaternário.

Aprovada por:

---

Presidente, Prof.<sup>a</sup> Cláudia Rodrigues Ferreira de Carvalho

---

Prof.<sup>a</sup> Arlette David

---

Prof.<sup>a</sup> Luciana Barbosa de Carvalho

---

Prof.<sup>a</sup> Andréa de Lessa Pinto

Rio de Janeiro

Janeiro, 2017

Silva, Felipe Marcel Bari da.  
Comparando Ritos Funerários da Cultura Egípcia e Judaica – Uma Revisão Bibliográfica. – Rio de Janeiro: UFRJ/MN/DGP, 2017.  
VII, 82f, 6il.; 31 cm.  
Orientadora: Cláudia Rodrigues Ferreira de Carvalho.  
Coorientadora: Arlette David.  
Monografia (especialização): UFRJ/MN/DGP / Programa de Pós Graduação em Geologia do Quaternário, 2017.  
Referências Bibliográficas: f. 80– 82.  
1. Arqueologia. 2. Ritos funerários. I. Carvalho, Cláudia Rodrigues Ferreira de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Departamento de Geologia e Paleontologia, Programa de Pós Graduação em Geologia do Quaternário III. Título

## **RESUMO**

### **COMPARANDO RITOS FUNERÁRIOS DA CULTURA EGÍPCIA E JUDAICA – UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Felipe Marcel Bari da Silva

Orientador: Cláudia Rodrigues Ferreira de Carvalho

Coorientadora: Arlette David

No presente trabalho que teve como objetivo mostrar um pouco da ótica (i)material de ritos funerários na cultura egípcia e na judaica; evidenciando que não só têm vários aspectos em comum como que outros antagônicos, também podem ser entendidos como conectados. Inicialmente são tratadas perspectivas de vida após a morte e a aplicabilidade da perspectiva ontológica à obra de Heródoto, enquanto posteriormente é adentrada a perspectiva de cada uma das duas culturas; se atentando para correlações entre as mesmas. Em seguida é feita a abordagem da necessidade de recortes em pesquisa e após realizado um recorte tempo-espacial são expostos dados de achados arqueológicos que incrementam as discussões acerca do êxodo descrito na bíblia; e que também tentam compreender territorialidades relativas ao Faraó/imperador Ramsés II; ambas questões relativas para a correlação cultural/espacial e para o processo arqueológico da região. O trabalho tem como considerações finais uma análise da relação latente entre a materialidade com a imaterialidade e uma exposição resumida do que foi possível considerar como pontos-chave das relações culturais; sendo principalmente estas na perspectiva de ritos funerários; mas também adentrando outras perspectivas que vieram à tona.

Palavras-chave: Arqueologia; Ritos funerários; cultura egípcia; cultura judaica; elementos simbólicos.

Rio de Janeiro

Janeiro, 2017

## **ABSTRACT**

### *COMPARING FUNERARY RITES OF EGYPTIAN AND JUDAIC CULTURE – A BIBLIOGRAPHIC REVIEW*

Felipe Marcel Bari da Silva

Orientador: Cláudia Rodrigues Ferreira de Carvalho

Coorientadora: Arlette David

In the present work the objective was to show some of the optical (i)material of funeral rites in the Egyptian and Jewish culture; evidencing that they not only have many aspects in common, but also that other antagonists can also be understood as connected. Initially are treated prospects in life after death and the applicability of the ontological perspective to the work of Herodotus, while later insider is the perspective of each of the two cultures; if looking for correlations between them. Afterwards the approach of the need for cuts in research is made and after a time-space clipping is made, data of archaeological finds are exposed that increase the discussions about the exodus described in the bible; And who also try to understand territorialities relative to Pharaoh / emperor Ramesses II; Both relative issues for cultural / spatial correlation and for the archaeological process of the region. The work has as final considerations an analysis of the latent relation between materiality and immateriality and a brief exposition of what could be considered as key points of cultural relations, being mainly these in the perspective of funeral rites; but also entering other perspectives that have surfaced.

Key-words: Archaeology; Funeral rites; Egyptian culture; Jewish culture; Symbolic elements.

Rio de Janeiro

Janeiro, 2017

## ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Justificativa.....	9
1.1.1 Motivação .....	9
1.1.2 Relevância .....	10
1.2 Problemática.....	10
1.3 Hipótese .....	11
1.4 Limites intelectuais.....	11
1.5 Limites institucionais.....	12
2. OBJETIVOS.....	13
2.1 Objetivo geral .....	13
2.2 Objetivos específicos.....	13
3. MATERIAL E MÉTODOS.....	13
3.1 Material.....	13
4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA – Dos Ritos e da posteridade; cultura egípcia e judaica.....	14
4.1 Heródoto não morreu. Obras e imortalidade – Heródoto – Mumificação.....	14
4.2 A filosofia e ritos judaicos - Cultura, técnica, e linguagem .....	21
4.3 Do arcabouço de ritos egípcios - Divindades, cerimônias, magia e mistério.....	36
4.4 Das relações culturais na região - O espaço, o tempo, e o que é comum.....	54
4.5 Considerações finais – A relação social; para além da vida e da morte.....	66
5. CONCLUSÕES .....	73
6. APÊNDICE .....	77
7. GLOSSÁRIO.....	78
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	80

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1.** Exemplo de corpo envolto por tecidos de linho; no processo denominado mumificação. (Fonte: <http://www.swissinfo.ch>, Acesso em Janeiro de 2017). ..... 16
- Figura 2.** Veste judaica atual semelhante às vestes egípcias. Nota-se semelhança entre a atual veste comercializada e as descrições realizadas por Heródoto configurando importância na limpeza, comum para peças brancas, além das franjas nos arredores. .... 18
- Figura 3.** Registro de corpo coberto encaminhado à sepultura. Sendo possível visualizar grande quantidade de religiosos da atualidade ao redor do corpo carregando o mesmo para o sepultamento; cujo se assemelha com a descrição de cerimônias antigas como a de Jacó que também é descrita com um número considerável de indivíduos. O manto é feito de linho; do mesmo modo que algumas mumificações. (Fonte: <http://www.gazetadebeirute.com/2013/07/os-funerais-nas-tres-religioes>. Acesso em Janeiro de 2017). ..... 36
- Figura 4.** A psicostasia enquanto conceito cultural. No centro Anúbis – com cabeça de chacal – pesa a pena de avestruz no prato da direita e o coração no prato da esquerda da balança; enquanto que o sujeito aguarda o julgamento. As duas Maât (conceito amplo discutido) contemplam à esquerda do coração; enquanto que Thot – mais conectado com a sabedoria – exerce a função de escribão ao lado direito de Anúbis; e o monstro denominado Ammit aguarda a possibilidade de devorar no caso de um julgamento especificamente negativo. Todo este julgamento e simbolismo atrelado ao mesmo são denominados como 'Psicostasia' e estão presentes no Papiro de Ani. (Fonte: <http://www.miezewau.it/libromorti>. Acesso em Janeiro de 2017). ..... 48
- Figura 5.** Base de escaravelho-selo encontrado no norte de Israel. Notam-se desenhos de outros símbolos adentro do mesmo. (Fonte: <http://www.algemeiner.com>. Acesso em Janeiro de 2017).55
- Figura 6.** Mapa que demonstra possível recorte espacial em laranja associado ao Império Novo - considerado entre cerca de 1550AEC e aproximadamente 1070AC..... 61



# **1. INTRODUÇÃO**

## **1.1 Justificativa**

### **1.1.1 Motivação**

Minha imersão cultural nos costumes judaicos a partir da experiência de ser parte do mesmo povo, somada de vivências para com o território do Estado de Israel no passado também em conjunto com inquietações de mistérios arqueológicos e sócio-culturais me chamaram para a região do Oriente Médio, na qual desenvolvi pesquisas durante a graduação e períodos anteriores principalmente focados em questões judaicas.

Recentemente ao ler *Provas de liberdade* (Hébrard, 2014) - livro acerca de uma família com personagem principal chamado *Edouard Tinchant* – que através de documentos históricos possibilita a investigação e trajetória de aproximados 400 anos familiares, me senti mais envolvido com o passado familiar. Sendo assim, parentes ligados com o Líbano, Israel, Síria, Egito e Iraque no que tange a esta região do globo na qual já desenvolvi pesquisas, me chamaram a atenção para os recortes de migrações no Oriente Médio.

Durante o início do curso Geoquater estive programando a futura mudança e moradia para esta outra região do mundo por conta de diversos fatores. Buscando um maior aproveitamento das disciplinas e do curso cogitei inicialmente uma pesquisa acerca de diferentes metodologias, pois considero que os métodos são mais abrangentes do que situações com tempo, espaço e cultura especificamente delimitados.

Porém a busca de possíveis orientadores não teve avanço positivo e senti que necessitaria de adentrar-me em uma temática que pudesse desenvolver conteúdos que já tenho acesso ou embasamento. Com o interesse em um estudo acerca de ritos funerários que fosse comparativo, a ideia inicial propunha quatro diferentes culturas. Porém - com a escassez de

tempo, somada de maiores motivações pessoais e a noção de maior disponibilidade e acessibilidade de conhecimentos acerca das antigas culturas judaica e egípcia, optei por me limitar a conectar as duas culturas citadas com seus traços arqueológicos materiais e imateriais.

### **1.1.2 Relevância**

O tema - que envolve a relação cultural - tem relevância cultural humanitária, considerável importância para a arqueologia bíblica e, em particular, traz possibilidades de investigações da arqueologia israelense em contato com a cultura egípcia que, em conjunto com migrações, passou pela mesma região em tempos passados.

Além de promover o contato, através do estudo e análise de materiais encontrados, também permite análises imateriais acerca das duas culturas e permeia alguns lugares no Egito e Israel com a conservação de registros das culturas egípcia e judaica.

### **1.2 Problemática**

Através de histórias de passagem do Egito para a terra de Israel, o povo judeu considera seu início. Porém o mesmo tem aspectos culturais muito próximos da cultura egípcia, da qual se considera 'liberto', e assim como quaisquer outras culturas com proximidades, apresenta um ponto para se adentrar na arqueologia comparativa.

No que tange a particularidades de ritos funerários porém, é da cultura judaica costume de não interferir na deterioração natural de corpos; enquanto que na cultura egípcia houve historicamente diversas formas de interferir, buscando a preservação do corpo.

Baseado nas semelhanças e diferenças antagônicas questiono: 'Quais as motivações para as semelhanças nas duas culturas quanto às grandes importâncias associadas aos corpos?'; e se

existem motivos específicos para as diferenças antagônicas.

### **1.3 Hipótese**

Baseado nos pensamentos em comum - de que a reencarnação, enquanto relação entre as partes imateriais da vida e o corpo (parte material da mesma), é um fenômeno possível e que ocorre para além da própria subdivisão da vida a partir do corpo e de outros conceitos – e no comportamento comum de atribuição de grande importância aos ritos funerários também para as culturas egípcia e judaica (apesar de os ritos em geral tenderem para um antagonismo quanto à preservação de corpos), é possível através do contexto histórico-geográfico de proximidades entre as mesmas o delineamento da ideia de que pensamentos e práticas egípcias foram atribuídos à cultura judaica, tornando-a de algum modo uma descendência a partir de mesclas.

Acerca do antagonismo relativo à conservação de corpos, é possível raciocinar que parte do arcabouço de informações da cultura judaica descende da cultura egípcia, enquanto motivação para semelhanças de grandes importâncias para com os corpos, além de um antagonismo referente à conservação de corpos, em consequência de uma nova trajetória espiritual, com a visível tentativa de negar um passado inerente.

### **1.4 Limites intelectuais**

Sendo uma área de pesquisa complexa e com grande quantidade de referências, há uma natural dificuldade de encontrar as fontes mais adequadas para o desenvolvimento da pesquisa. Outra limitação tem que ver com a falta de um maior embasamento arqueológico, pois na graduação em geografia não tive inserção neste campo de conhecimentos, e durante a especialização Geoquater houve apenas disciplinas que tangenciavam o tema arqueológico de

maneira distante; excetuando-se por duas disciplinas realizadas durante o 3º módulo.

Uma revisão bibliográfica com o cunho arqueológico se torna produto complexo na medida em que ainda não realizei este tipo de experiência e portanto venho a esta com dificuldades da falta desta experiência acadêmica.

### **1.5 Limites institucionais**

Com a viagem que realizei para Israel nas 'férias olímpicas' durante o curso Geoquater, foi possível um contato pessoal mais produtivo do que outros virtuais abrangendo a temática arqueológica e abordagens de pesquisa. Sendo assim é possível traçar o prognóstico de que a atual revisão bibliográfica poder-se-á destinar para coerentes pesquisas do país que expressam questionamentos que afloram – principalmente naquela região – quanto às evidências e/ou constatações de relações de um passado inbrincado entre antepassados e lugares que geograficamente se mantêm, apesar de transformados.

Faço a observação de que é necessário considerar a diferença entre as fontes judaicas e egípcias, pois em uma cultura é necessário o estudo indireto, com base em outros estudos dos quais não tenho inserção cultural e pode ser considerada uma cultura que ficou marcada na história, mas que não possui grupos que continuem os ritos na atualidade. Enquanto que a cultura judaica por mais que tenha se modificado, é possível de ser acessada a partir de minha inserção e tem menores dependências de estudos indiretos pois fontes de estudos de grandes nomes estão ao alcance do pesquisador.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Identificar diferenças antagônicas e semelhanças culturais com possível relação com o campo arqueológico entre as culturas egípcia e judaica. Dissertar uma síntese da relação cultural, buscando o meio geográfico como base para a conexão entre as mesmas.

### **2.2 Objetivos específicos**

Identificar possíveis correlações arqueológicas que auxiliem em um recorte espaço-temporal mais específico.

Descrever práticas funerárias, temporalidades, localidades, artefatos e obras comuns para os diferentes grupos a serem estudados.

Buscar informações acerca da matéria-prima para construções práticas e simbólicas das diferentes culturas.

Apontar processos sociais e culturais com base na arqueologia.

## **3. MATERIAL E MÉTODOS**

### **3.1 Material**

Até o momento foram utilizados livros, revistas, artigos, filmes, DVDs e arquivos virtuais, visando investigar acerca de perspectivas de vida após a morte; correlações culturais naturais da troca social; entendimentos acerca de ritos funerários egípcios e judaicos, que tenham principalmente co-relação com o corpo; e em conjunto com estes, outras perspectivas filosóficas das culturas também foram abordadas.

### **3.2 Método**

Resumir e sintetizar diferentes conhecimentos - com atenção para campos próximos como a geografia, história e antropologia - provenientes de cada referência (escrita ou interagida) em uma discussão na qual os resumos se mostrem úteis e visíveis; utilizando recorte espacial dos anos com contatos econômicos visíveis entre as regiões do Levante e Egito, acrescido de informações que clamam por pesquisas, porém que não são paradigmas, como as correlações entre estudos científicos e narrativa religiosa.

## **4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA – Dos Ritos e da posteridade; cultura egípcia e judaica**

### **4.1 Heródoto não morreu. Obras e imortalidade – Heródoto – Mumificação**

De acordo com o Dr. Pierre Weil (1989) existem três teses difundidas acerca de vida pós-morte; as quais nomeia no capítulo "A fronteira da morte" como 'a tese da morte definitiva como fim da evolução individual', sendo uma negação da relação; a 'tese da sobrevivência parcial' que concebe a relação possibilitada através de perspectivas biológicas; sociológicas, e ontológicas (referências à obras); e uma terceira 'tese da sobrevivência total' que aponta para uma notável correlação entre a vida e a morte, que se interpela com perspectivas religiosas.

Adentrando no contexto da segunda tese, que informa a ocorrência de obras notáveis 'imortalizando' o ser, é verificável a afirmação de que "Heródoto não morreu", pois suas obras viraram referências universais. Sendo aqui tratadas referências visualizadas tanto no livro *Vida cotidiana no Egito* (Montet, 1946) quanto no livro *O enigma das múmias* (Sentinella, 2008). Ou seja, para uma variedade de tipologias de pesquisas com diferentes tipos de rigores científicos e acadêmicos e para uma diversidade de campos de estudos é uma obra necessária.

Não por acaso é a primeira nota de referência do egiptólogo Pierre Montet (1946), que

também se refere ao historiador outras 19 vezes, quando este discorre acerca da vida cotidiana no Egito [sic] referindo-se à uma sátira de Heródoto. Na sua primeira página de introdução, além de colocar a relação dos egípcios de período Ramsesiano com os deuses e com os mortos mais intensa do que com si próprios, traça uma linha de raciocínio sobre a utilização de maiores recursos, e conseqüentemente tempo para com templos e outras construções da 'posteridade' do que em relação com a própria vida momentânea. Com a mesma linha de raciocínio e a partir deste campo antropológico/histórico/social, é perceptível que haviam mais registros e construções de maneira geral direcionados para a tal posteridade; a probabilidade dos mesmos serem encontrados milênios depois também é maior (faz-se necessária a relação intrínseca entre a história e a arqueologia).

O jornalista e especialista em assuntos heterodoxos, Sentinella, informa, em seu livro *O enigma das múmias* (2008) acerca das múmias egípcias entre dados históricos e geográficos que *Histórias*, de Heródoto é uma das duas fontes ocidentais acerca de mumificações, além de colocar que não foram encontrados papiros com descrições sobre como realizar mumificações – e após discorrer da hipótese de ser um segredo que não fosse escrito, mas difundido oralmente especificamente guardado por sacerdotes – comenta que duas fontes documentais não egípcias - o que já tornam as mesmas questionáveis acerca da interpretatividade de um sujeito exterior à cultura acerca da cultura da qual não faz parte; a partir de suas próprias convicções – "dão uma ideia de como eram praticados os embalsamamentos no antigo Egito: a *História*, de Heródoto, e a *Bíblia*" (p.26). Em seguida transcreve trechos advindos de historiador grego em que são comentados três tipos específicos de mumificação relacionados com preços e cuidados, de maneira decrescente tanto em preços e apreços verificados pelo escritor, quanto pelos tratamentos, demandas de tempo, recursos e cuidados de maneira geral.

De modo resumido, todos os três tipos de mumificação informados; apontam para a

retirada/'purificação' de vísceras(intestino); o uso de sal no corpo; e um prazo de setenta dias é descrito na mumificação mais suntuosa e na mais pobre; dando a entender que o período abordado na mumificação mediana também é de setenta dias. Além destes fatores, são comentados usos de diversos materiais como: o ferro encurvado para a retirada do cérebro; 'drogas' para aplicação na cabeça; uma 'pedra da Etiópia' para a realização de incisões; vinho de palma e uma série de substâncias 'aromáticas moídas', sendo descritas posteriormente a utilização de mirra, cássia, canela, à exceção do incenso; *lyssos* (linho muito fino), como é possível visualizar na imagem 1; uma goma comum aos egípcios; líquido gasoso derivado do cedro-de-espanha (*Juniperus oxycedrus*); natrão; *syrmaia* (purgante à base de desinfetante vegetal). Com toda a variedade descrita pelas interpretações de Heródoto, é possível e plausível a compreensão de que estas são apenas as partes em que o historiador identificou e mesmo variáveis do que vivenciou em período e locais específicos.



**Figura 1.** Exemplo de corpo envolto por tecidos de linho; no processo denominado mumificação. (Fonte: <http://www.swissinfo.ch>, Acesso em Janeiro de 2017).



Heródoto de Halicarnaso (484-425 a.C) teve seu livro II transcrito ainda em 2016 pela tradutora Maria Aparecida de Oliveira Silva (2016). Nesta edição é possível verificar o informado por Sentinella (2008) e além disto são descritas outras questões interessantes que tangem à correlação entre as culturas egípcias e judaicas. Em seu livro-documento existem passagens com especial importância para a configuração social/fúnebre; como:

Parte 78 – "Nos encontros conviviais dos seus ricos, depois de terem terminado de jantar, um homem carrega um cadáver representado em uma urna cineraria de madeira, imitado o mais próximo possível em sua pintura e seu entalhe, com o tamanho total de mais ou menos um ou dois côvados; depois de o homem tê-lo mostrado para cada um dos convivas, ele diz: "Quando olhares para isto, bebe e te alegra; pois estarás assim depois de morto". E fazem isso nos seus banquetes.". É comentado acerca dos banquetes de ricos e relação com ritos funerários a partir destes, com informes de como almeijam ficar após a morte.

Parte 79 é colocado que Lino, descrito como Maneros pelos egípcios, era considerado como o único filho do primeiro rei do Egito e que era honrado com cantos fúnebres; que eram o primeiro e único hino que tinham.

Parte 81 verifica-se uma impressionante conexão entre a cultura judaica e a egípcia, na medida em que coloca que "trajavam túnicas de linho com franjas em volta das pernas, as quais eles chamam *calasíris* e sobre ele portavam mantos brancos de lã [...] por cima [...] não entram trajados com roupas de lã nos templos nem são enterrados com elas, pois isso não é permitido pela lei divina". Posteriormente faz menções à rituais órfico e báquicos e estes são apontados como partilhados por egípcios e pitagóricos, descrevendo que para ambos "não é permitido pela lei divina que sejam enterrados com vestimentas de lã" apontando que há um livro sagrado sobre estes assuntos, porém não informa qual o livro.

O tecido de linho não só remete aos *tsitsit* de hoje em dia utilizados pelos judeus, como segue na Figura 2, como os tecidos brancos de lã são descritos do passado egípcio e também judaico. A lei divina também coincide quanto a impossibilidade de enterro com roupas de lã em ambas as culturas.

Acerca dessas vestes, também é informado nas partes 36 e 37, denotando certa importância compreendida por Heródoto acerca das mesmas.



**Figura 2.** Veste judaica atual semelhante às vestes egípcias. Nota-se semelhança entre a atual veste comercializada no site em que foi visualizada e as descrições realizadas por Heródoto configurando importância na limpeza, comum para peças brancas, além das franjas nos arredores. (Fonte: <http://www.sidur.com.br/tsitsit-de-pano-talit-katan-de-pano>. Acesso em Janeiro de 2017).

Parte 83 – que aborda a 'arte divinatória' e aponta que "não é apropriada a nenhum dos homens, mas para alguns deuses" também coincide no aspecto proibitivo com leis judaicas (*Parashat Kedoshim*) apesar de diferir da interpretação de quantidades de deidades.

A arte divinatória vale comentar; que é utilizada e comentada em período de atualidade

também enquanto referência à um taumaturgo egípcio; descrito pelo filósofo e viajante Paul Brunton em seu livro *A Índia Secreta* (Brunton, 1998). No livro é descrito que Mahmud Bey, além de realizar encantamentos (possíveis de serem falados adiante) era um estrangeiro de margem do Nilo, com constante contato com seres misteriosos. No caso Bay foi introduzido por um senhor judeu.

No contexto de Brunton, mais atual, o judeu estaria descumprindo as leis religiosas; que são expressas no capítulo 166 do *Kitsur Shulchan Aruch* (2008) – As proibições de Augúrio, Vaticínio e Feitiçaria. Então vale pensar que o que é que seja proibido, é também possível de ser transgredido; para diferentes vivências culturais.

Parte 84; comenta a divisão hierárquica e setorizada da medicina, visivelmente influente no período contemporâneo.

Parte 85; informa sobre como são realizados os cantos de lamentação e ritos fúnebres: "[...] quando morre um homem da família, que seja um digno de menção, todo o gênero feminino dessa família, de acordo com isso, emplastra sua cabeça com barro ou também a face, em seguida, depois de deixar o cadáver em suas casas, as mulheres circulam pela cidade batendo em si mesmas, tiram suas roupas até a cintura e mostram seus seios. Depois [...]todas as que são membros da família ficam com elas; enquanto [...] homens batem em si mesmos e também tiram suas roupas até a cintura. Depois [...] levam para o embalsamento".

No judaísmo, além da correlação com familiares próximos que rasgam a camisa em ato relacionado ao luto, em tradições específicas de algumas vertentes, são separadas mulheres de homens, no momento de enterramento.

Nas partes 86, 87, e 88 Heródoto discorre sobre a já citada parte de Sentinella (2008), que se refere aos três diferentes tipos de processos de mumificação baseados em uma hierarquia social. Vale comentar que as madeiras são mostradas aos parentes, os quais depois trabalham-as

para que se tornem modelos de cadáveres feitos na madeira.

No livro de Heródoto (2016), porém, é descrita cássia ao invés de canela e o embalsamamento é descrito como realizado a partir do Nitrato de Potássio (KNO<sub>3</sub>) o que não deixa de ser um sal, porém na linguagem contemporânea, Sentinella ao comentar 'sal' dá a entender o composto 'NaCl'.

Em 89 resumidamente é tratado o tema de impedimento de relação de homens com cadáveres de mulheres, respeito presente também em ritos judaicos.

Em 90 a relação entre uma cidade e o morto que aparecer nesta, seja estrangeiro ou não, sendo a participação da cidade através de uma indenização e obrigatoriamente que embalsamadores trabalhem no corpo, inclusive separando um recinto sagrado.

Em 91 é comentado acerca de uma cidade nomeada Quêmis, notadamente semelhante à *Al Quimia*; conceito trabalhado no mundo e notadamente no Egito, também referente à bandeira do país (Brancaglioni, 2016).

Em 96 é comentado acerca de gomas utilizadas em mumificações – utilizada para juntar *lyssos* com corpos – e a mesma que é descrita como seiva da flor 'lótus cirineu' (notadamente a lótus também relacionada com os dizeres de "renascimentos a partir de cinzas" e representativa para outrem enquanto elemento simbólico) era considerada de amplo uso para untamento no contexto social.

A cultura egípcia também apresenta suas conexões com a flor de lótus, sendo esta considerada local de nascimento dos quatro filhos de Hórus – deidade das mais importantes do antigo Egito – mais tarde colocados como protetores dos quatro pontos cardeais e tendo sentados ambos também em uma flor de Lótus durante o julgamento de outra deidade.

Num sentido geral e amplo; é possível traçar demais conexões a partir dos escritos do historiador grego. Sendo que David Sentinella além de ter descrito:

Quando escutamos a palavra "múmia", nossa mente realiza rapidamente uma simples e direta associação de idéias: Egito. Logo depois surgirá uma série de imagens mentais que nos confirmarão o conceito inicial: pirâmides, deserto [...]

Encontrava-se num sentido correto ao abordar que as referências escritas acerca de mumificações são poucas e ocidentais; se comparadas com achados.

Voltando à outra fonte ocidental citada por Sentinella (2008) - "a bíblia", que é naturalmente conectada com o judaísmo, pois apresenta derivação desta cultura, é possível utilizar fontes judaicas como a chamada *Torah*; ou como é conhecida popularmente 'pentateuco'; para buscar relações entre a cultura egípcia e a judaica – sendo possível identificar em alguns trechos significantes informações que se apresentam como elemento de conexão entre as culturas.

#### **4.2 A filosofia e ritos judaicos - Cultura, técnica, e linguagem**

De acordo com Kaplan (2009), na parte *Vaiechi* além de ser mencionado que Jacó viveu 17 anos de seus 147 anos no Egito, é colocado que pediu para ser enterrado longe do local e próximo aos pais. E a passagem "Eu estou indo juntar-me ao meu povo" mostra um contexto de 'relação social' independente da morte dos outros ou de si.

Ao nº 50 de Gênesis e o último de 'Vaiechi' é descrita a morte de Yaacov/(Jacó) e os seguintes acontecimentos:

[...] José então ordenou a seus servos, os médicos, para embalsamarem o seu pai. Os médicos assim embalsamaram Israel. Levou quarenta dias, uma vez que era o tempo requerido para embalsamar. O Egito enlutou durante setenta dias.

As notas do livro atual (Kaplan, 2009) remetem o bálsamo como "óleo de cedro e natro, uma forma nativa de carbonato de sódio encontrada num lago, no deserto da Líbia." e remontam a outras fontes como o *Zohar*, *Shemuel ben Chofni*; *Abarbanel*; *Heródoto* e *Diodorus Siculus*.

Neste caso o sal apresentado – Carbonato de Sódio – tem fórmula  $\text{Na}_2\text{CO}_3$  e, apesar de ter referência de Heródoto, não é informada qual de suas leituras indiretas foi realizada.

Em seguida José pede ao Faraó para enterrar o pai em Canaan e o Faraó manda-o ir. Em sua ida leva consigo cortesãos que eram seus anciãos, os anciãos restantes do Egito, toda sua casa, irmãos e família do pai. Excetuando apenas as pequenas crianças e rebanhos, e levando também carruagens e cavaleiros. Após descrita a chegada ao local é informado que "conduziram um grande e imponente funeral. (José) observou um período de sete dias de luto por seu pai".

As notas do livro colocam conexões dos sete dias com a origem do costume de se sentar sete dias de luto (*Shivá*) na atualidade. Porém há de ser observado que o luto de sete dias é numerologicamente conectado com o luto do Egito, de setenta dias.

Nas últimas passagens do 'primeiro livro' do pentateuco (ou primeira parte da *Torah*) é informado:

José permaneceu no Egito junto com a família de seu pai [...] comprometeu os israelitas por uma promessa: "Quando D's lhes conceder (essa) providência especial, vocês devem levar meus restos deste lugar." José morreu com a idade de 110 anos. Ele foi embalsamado e colocado num sarcófago no Egito.

Assim José é um segundo personagem importante para a cultura judaica envolvido com o Egito, tanto quanto à relação cultural dos ritos funerários, quanto ao próprio espaço e vivência.

A *Torá Viva* neste contexto é a atualização da *Torah* antiga - encontrada em achados arqueológicos – e pesquisada; contendo então conteúdo extra para maiores explicações.

Outras fontes judaicas que não esta primeira, porém derivados da mesma são úteis para trazer informações acerca de ritos funerários na cultura judaica. Porém as mesmas são de tempos mais 'atuais' quando comparadas com os escritos de Heródoto por exemplo, sendo que não

perdem o elo com a fonte primária, podem ser considerados úteis enquanto fio condutor melhor moldado e aperfeiçoado; além de por vezes já interpretado e resumido.

De acordo com a análise do livro 'Kitsur Shulchan Aruch' – 'Código da lei judaica abreviado' (Gantzfried, 2008) que contem 101 páginas dedicadas às questões mortuárias dentre os seus dois volumes que contem aproximadas 1080 páginas - é possível a compreensão de que o tema é delicado, complexo e demasiado importante para com a cultura judaica atual.

Sem cair em problemáticas rabínicas; as quais informam que o judeu atual e o de antigamente seguem/seguiram mesmos rumos – "o que é exatamente arqueologia judaica? E qual a sua relação com as práticas das comunidades judaicas modernas?" (Silberman, 2016) - é necessário considerar o livro como uma referência; porém delimitar sua diferença para com a temporalidade arqueológica.

Ao comentar que "especialmente no caso de cemitérios medievais judaicos, autoridades religiosas autodeterminadas modernas, insistem que a interpretação *deles* é a única correta" Silberman coloca a precaução necessária para a consulta de entidades atuais com a representatividade na religiosidade de um povo ainda vivo; o que é um ponto crucial da problemática da 'arqueologia judaica'.

Enquanto são considerados os escritos da *Torah* enquanto históricos; e parte da essência judaica, pois foram encontrados em descobertas arqueológicas - sem alterações – mostrando-se enquanto evidências de que a cultura remonta a um passado longínquo; outros escritos referentes à *Torah*, como a *cabalá* (parte oculta da *Torah* desenvolvida posteriormente) possibilitam estudos mais profundos no que tange ao mundo espiritual (ou de outra dimensão).

Nesta é considerado que um espírito encarnado em período antigo pode encarnar em período mais atual contendo informações do passado (Berg, 1998). O que pode ser também

pensado acerca de novas informações.

De acordo com o cap.194 art. 5 do *Kitsur Shulchan Aruch* (Gantzfried, 2008):

Depois que a alma expira, uma pena leve é colocada junto ao nariz. Se ela não mexer, é [indicação] certa de que a pessoa morreu", após a abertura de janelas, e a recitação do *Tsiduc HaDin*. Ao chegar no trecho da bênção de *Daian haemet* ["Juiz da Verdade"], ela é recitada com a menção do nome sagrado de Deus, e em seguida é feito o rasgamento da roupa [...]

É interessante pensar que neste trecho são comentados acerca de um juiz em uma recitação e logo após é comentado do nome sagrado, o que pode dar a entender com uma possibilidade de após julgamento divino, o retorno de parte da 'alma' voltar para a sua essência primária que é a divindade. Ao fim é comentado sobre um rasgo de roupa que será melhor abordado em outras partes do livro, porém neste único trecho é possível co-relacionar o julgamento com a perspectiva egípcia, onde uma pena é utilizada pela deusa da justiça para pesagem e interpretar o nome sagrado como essência primária ou 'bola de luz'.

O código das leis abreviado contem outras informações importantes:

O Cap. 196 art. 21 informa: “a contagem de sete dias só tem início depois que o corpo é sepultado” lembrando o conto de José.

No Cap. 197 - 'A mortalha', a purificação do corpo e a proibição de ter proveito do cadáver' – é informado que a mortalha deve ser bonita porém não pomposa, além de ser adequado a utilização de uma veste branca que a pessoa utilizou em vida no 1º artigo; e seguem outros artigos com a temática da purificação.

O Art. 2º coloca o ritual com a ordem de lavagem com água quente de corpo e cabeça; seguida de boa limpeza de dedos e todas as partes e por fim, o corte de cabelo e unhas deixando o



informe que não é o comum para alguns países. Após este rito é comentada a água de 9 *cabim* que é derramada sobre a cabeça com o corpo de pé. O 3º artigo é uma discussão acerca da medida e informa que podem ser utilizadas até 3 vasilhas para derramar a quantidade (que é variável de acordo com o interpretador) porém necessárias de serem jogadas sem pausa entre uma e outra. E mesmo deste modo mais do que as 3 não é considerável efetivo para uma limpeza.

Após o capítulo 198 discorrer sobre o 'transporte e a cerimônia fúnebre' e o 199 sobre o 'enterro e o cemitério', que tem em seu 2º artigo a preferência pela areia da terra de Israel. Além do 6º artigo exaltar a diferença entre um perverso e um justo e demais diferenciações de como cada um se portou em vida. Estes devem ter locais de túmulo baseados nas vivências.

No capítulo 202 são informadas as 'leis de impurificação de um Cohên' que é um nome considerado proveniente de grandes sacerdotes e que herda um valor hierárquico. Com artigos que comentam acerca da moradia e telhados, com detalhamentos. É possível a seleção dos mesmos para a compreensão das diferenciações de pirâmides e faraós suntuosos para aqueles mais comuns de tempos passados.

O capítulo 205 é dedicado à 'Refeição de condolências [*Seudat Havraá*]' e descreve que "No primeiro dia de luto, é proibido o enlutado fazer a primeira refeição [após o enterro] com uma comida que lhe pertença. Os vizinhos têm obrigação de enviar esta refeição..." adentrando posteriormente no que deve consistir a refeição inicial, assinalando o ovo e a lentilha por motivos metafóricos, considerando que "após ter sido feito esse procedimento, o enlutado pode comer qualquer refeição". Ainda no final do 1º artigo é colocado um parênteses informando que "alguns legisladores afirmam que durante todo o primeiro dia não é permitido ao enlutado comer refeição de alimentos que lhe pertençam, não importa quantas refeições ele realize". O capítulo segue com as hipóteses de pessoas mantidas por outras, enlutados de sexos opostos aos de quem pretende

oferecer a refeição, o que deve se ocorrer quanto a funerais noturnos, quanto ao dia santo ou outros dias especiais. O último artigo (9) informa que "havia o costume de jejuar no dia de falecimento de um sábio da Torá", porém sem maiores informações.

Estas informações aqui podem ser assinaladas por conterem semelhanças com a cultura egípcia. Naturalmente a veste, a limpeza e cuidados corporais, a água, a hierarquia, e esta refeição podem ser relacionadas de maneira próxima aos ritos egípcios.

Para Bayard (1996), que trafega por diferentes questões de ritos funerários - como discursos, temporalidades, significados, espaços, culturas e outros – o Talmude (considerado um compêndio de escritos de debates acerca da *Torah*), e o Midrash (considerado a soma de ensinamentos legislativos e comentários livres acerca da *Torah*), "com toda a corrente dos fariseus, evoca, com palavras disfarçadas, a idéia de sobrevivência" e os ritos judaicos são abordados em diferentes nuances. Além de compreender que o 'destino humano' se prorroga para além de uma existência terrestre (e material) é colocado que "no além que encontramos a plena justificação de nosso destino".

É importante ressaltar que no subcapítulo anterior de 'O judaísmo'; o autor dedica um espaço separado da cultura para abordar 'O Zohar e a transmigração'; no qual considera a teoria de vidas sucessivas encontrada em pensamentos de Platão, pitagóricos e da maioria dos cultos, e comenta:

O espírito humano pode penetrar em corpos de animais [...] deve passar pelos sete "palácios", que se superpõem segundo graus espirituais. O homem deve purificar-se na terra e ser julgado por esses palácios; se for indigno do além, volta à terra em um novo corpo [...] Assim, as transmigrações são punições, mas a alma que atinge o sétimo palácio – a região mais espiritual – escapa da lei das transmigrações.

Para o Rabino Berg (1998), que se utiliza profundamente do *Zohar* (que é livro chave da *cabalá* – ocultismo/misticismo adentro do judaísmo) e que estudou diversas fontes acerca da temática da reencarnação; bem como de outras temáticas é destacável:

[...] comecei a examinar em detalhe o tema da reencarnação, logo me dei conta, para minha grande decepção, do pouco que foi escrito a respeito deste assunto pelos cabalistas judeus contemporâneos. A maior parte das obras disponíveis sobre o assunto são de autoria de estudiosos não-judeus. Logo percebi que quando o tema da reencarnação era abordado entre judeus, se evidenciava um desinteresse e uma recusa latente em aceitar que a reencarnação tenha qualquer relação com o judaísmo.

Ao longo de seu livro "Reencarnação – as rodas da alma" (Berg, 1998) que faz alusão ao *Shar Haguilgulim* (obra considerada de difícil entendimento) descreve não só que uma alma pode retornar com o objetivo de sanar questões anteriormente vividas em outro corpo e/ou vida material; que pode ser considerada o "pai" da alma; mas também traz comentários acerca de outras culturas que consideram a perspectiva da reencarnação; valendo destacar que a interpretação acerca de uma vida posterior, tem em comum com a cultura egípcia, um julgamento para diferentes possibilidades de futuros. Em contos e debates filosóficos traz a hipótese de desenvolvimento paralelo entre o corpo e a mente, sendo assim estes não totalmente dependentes um do outro, ou uma mesma essência, e considerando que na velhice o corpo pára e a mente continua - dissocia corpo da consciencia compreendendo que a consciência existe antes do corpo.

Ao decorrer da obra ententa por demonstrar de modo claro que a morte só afeta o corpo, colocando que a alma vive eternamente. Assim sendo se encontra além das duas primeiras hipóteses que o Dr. Pierre Weil (1989) traz sendo a de morte definitiva e absoluta e a de morte

como fim de um ciclo onde a vida que segue é apenas a partir de um ciclo biológico e/ou a partir de uma obra, influência vivida ou mesmo filho gerado, porém ausentando o aspecto imaterial da vida – que apesar de ser diferente nas culturas egípcia e judaica se mostra como algo que existe, é diversificado e de certa forma complexo; e que transcende a ideia de 'corpo, espírito, e alma' que por vezes vem à tona como uma tentativa de tradução.

Sabendo das limitações da ciência e também da religião

[...] a ciência é um método que nos permite descobrir como funciona o nosso universo através da apresentação de teorias e da tentativa de então se verificar estas teorias através da observação e da experiência. Entre o mundo abstrato das hipóteses e o mundo real da observação haverá sempre uma tensão contínua e às vezes até conflitos.

Berg (1998) informa que a ciência depende das limitações dos cinco sentidos, e da experiência da sensação gerando racionalizações. Porém, há aproximadamente vinte anos atrás, quando estive escrevendo o livro, o tensionamento entre religiões e o método científico e as diferenças entre os mesmos não estavam sendo superados com pesquisas conjuntas.

Se analisadas ao fundo, todas as questões citadas - tem em volta de si as dimensões abstratas de conceitos adquiridos, transmitidos; números; auras; heranças; relações sociais; interpretações do corpo e de casas ou alimentações e vestes do mesmo além da hierarquia e de uma complexidade de detalhes que - transbordam de simbolismo, sendo este simbolismo por muitas vezes considerado uma criação necessária e intrínseca do ser humano.

Considerando a intrínseca relação entre questões espirituais (e/ou imateriais – importando também se as mesmas estão conectadas com o material, sendo dialéticas) e o simbolismo que permeia – se sobrepondo por vezes – ao que é concreto, é necessário exprimir então o que de fato está contido no pensamento daqueles que tem aquele costume/cultura. Ao

menos com a cultura judaica viva e mantendo valores tradicionais, histórico-geográficos e transgeracionais é possível mergulhar em livros atuais para maiores conhecimentos.

Pecha (2015) comenta em *Jornadas da Alma* com base em escritos da cultura judaica (principalmente os considerados sagrados) sobre a interpretação da cultura acerca do corpo físico e de diferentes partes do 'corpo espiritual' (ou vida imaterial), bem como de uma vida posterior à morte. As informações que trazem são importantes para serem comparadas mais a frente com a visão egípcia sobre os mesmos temas e visões, já que esta cultura também depositava suas crenças diante de uma vida com diferentes partes, sendo materiais e/ou imateriais.

O judaísmo entende que existem 5 partes que compõem a 'alma'; sendo elas denominadas *Nefêsh*, *Rúach*, *Neshamá*, *Chaiá*, e *Iechidá*. As quais seguem de acordo com Pecha (2015) as seguintes descrições:

Nêfesh (espírito) – É "responsável" pelo aspecto vital – comer, beber, dormir [...] Estas ações derivam da parte da alma que chamamos de "espírito, que é a força que ativa as diversas partes do corpo. *Nefêsh* vem da palavra *nefisha* – descanso, calma.

Os animais, a vegetação e até mesmo a matéria inanimada possuem um espírito. Os sábios da Torá oculta (cabalá) definiram o fígado como o recipiente do *Nêfesh*".

""Rúach – É responsável pelo aspecto intelectual e emocional do homem. Respeito, felicidade, raiva, desejo [...] conecta o espírito de natureza mais física (Nêfesh) à alma de natureza mais espiritual (Neshama). A escolha entre o bem e o mal também decorre do *Rúach*.

[...] principal parte do homem [...] vantagem exclusiva dos seres humanos [...]

Os sábios da Torá oculta definiram o coração como o recipiente do *Rúach*.

Neshamá (alma) – É responsável pela refinação das más características

humanas. É o que reprime e guia o espírito, incrementa [...] e subjuga o homem ao Criador. O nível de *Neshamá* é superior ao de *Rúach*; é a força espiritual e intelectual [...]

Os sábios [...] definiram o cérebro como o recipiente da *Neshama*.

Este nível da alma é uma particularidade e característica judaica.

Chaiá e Iechidá são níveis superiores ao de *Neshamá* e Adão os possuía antes de pecar [...] Apenas no dia de sua morte, ou através de algum autosacrifício, o homem consegue alcançar os níveis de *Chaiá* e *Iechidá*.

*Chaiá* – É a (fonte) da vida eterna [...]

*Iechidá* – É um reconhecimento claro da perfeição de Deus [...]

O dia da morte é a passagem que prepara para "aquele dia". Assim, a partir do momento do falecimento, o homem recebeu nível de *Iechidá* [...]

“Esse estágio também é chamado de “mundo da verdade” – no qual a pessoa conhece a verdade”.

Em seguida o capítulo aborda mitsvot ou boas ações para com cada parte da alma, enfatizando que "[...]a maneira de alcançar a plenitude de cada *mitsvá* (preceito) é cumpri-la com o pensamento, a fala e a ação juntos, pois assim estará consertando todas as três partes da alma: pensamento-*Neshamá*, fala- *Rúach* e ações físicas - *Nêfesh*...".

Transpassando considerações teóricas e religiosas que não visualizo tão referentes ao fazer arqueológico, é possível trazer uma correlação com a cultura egípcia e relações com órgãos internos:

Antes de sua saída do corpo, a alma passa por todos os órgãos e despede-se deles. Então a alma é "jogada" para fora do corpo e, confusa, consegue enxergá-lo parado, sem reação alguma, como relatado em diversos testemunhos de pessoas que passaram pela experiência de "morte clínica" - [...] - como uma

pedra.

Finalmente é possível traçar uma relação com os ossos a partir da citação:

Na saída do corpo a alma se divide em três partes. A *neshamá* sobe para o Paraíso superior; o *Rúach* sobe para o Paraíso inferior; e o *Nêfesh* descansa ao lado do túmulo. Na linguagem da Cabalá, isto é chamado de *Hevla Degarmi* (literalmente, "umidade dos ossos"), ou seja, uma pequena parte espiritual que descansa ao lado dos ossos do falecido e aguarda o momento da ressurreição dos mortos.

Posteriormente, o capítulo se aprofunda em debates filosóficos, religiosos, os quais não interferem no fazer arqueológico e se relacionariam mais a antropologia. Porém, o que trouxe de conhecimento foi enriquecedor, valendo o destaque para as possíveis correlações entre a preservação de ossos nos ritos funerários judaicos e egípcios.

Para os judeus, parte da alma está vinculada aos ossos e a partir dos ossos é que uma futura ressurreição pode vir a ocorrer com um *mashiach* (messias), sendo que o sangue também é considerado dotado de partes da alma para a cultura judaica. Enquanto que para os egípcios, não só os ossos devem ter profunda relação com a vida posterior pois se asseguram dos melhores tratamentos possíveis para a preservação dos corpos que futuramente podem vir a reerguer-se em vida.

Se dissociada a interpretação abstrata da cultura e adentrado mais ao contexto material, torna-se possível a visualização de uma série de regras para com o corpo da pessoa que faleceu. Claramente as regras mostram uma relação intrínseca da cultura material em conjunto com a cultura imaterial e abstrata, em conjunto com a série de crenças e cultos.

De acordo com o livro *Ner Lechaiym*; - em que o autor Isaac Dichi (2006) informa derivar de compilações dos livros *Guêsher Hachayim* e *Zichron Meir* – com a vinda de um

messias os corpos ressuscitarão no futuro. Esta crença suporta intensamente a necessidade de que um corpo seja bem tratado. O livro segue atualmente como um manual moderno, com base em escritos anteriores, sobre como devem seguir os ritos funerários judaicos. A 'cultura material' - ou seja, o que engloba atos realizados para com o corpo, como: lavagem e cobrimento e até mesmo a suposta imaterialidade abstrata de rezas, pois para as mesmas são destinadas regras e estas são apontadas para um corpo/material – é chamada de *Tahará* e, para a mesma, Dichi destina um capítulo com 43 citações.

Para a realização da *Tahará* são destinados cargos, como o *Hilel Hazaken* (Ancião), o que pode ser correlato a um sacerdote – da cultura egípcia – ou seja, uma pessoa com conhecimentos específicos destinada para a realização daquele importante trabalho. Porém, no caso da cultura judaica são tecidas especificações acerca de familiares que não devem participar de modo algum do processo, além da necessidade de que quem não participe não esteja nem mesmo presente no espaço destinado para a realização do método.

Quanto ao contexto temporal a diferença é que a cultura dá a prioridade para que o processo seja realizado o mais rápido possível e que o mesmo seja próximo do sepultamento, além de que é considerado que quem realiza deve estar em profunda limpeza (material e espiritual) através do *micvê* – ainda mais no caso de pessoas de grande saber, o que consiste também em uma relação de poder (segundo a concepção de Foucault) e/ou hierarquia.

Diferentemente dos egípcios, é impossibilitado que o procedimento seja realizado na presença de outros corpos em mesmo quarto e a especificação de que o corpo deve se manter no chão até que os especialistas possam trabalhar não deve ser comparada com escritos herodianos, pois o autor não é específico neste detalhe sobre quem que realiza o manuseio do corpo após este desfalecer.



Em contraposição aos egípcios que se utilizam em grande parte de sais e ervas, é colocado que deve ser separada muita água para a lavagem; e que a mesma pode estar em diferentes temperaturas, porém comumente deve seguir o costume de *Yerushaláyim* – e que o técnico deve também utilizar de limpeza material/espiritual nas próprias mãos antes de manusear o corpo.

A lavagem ocorre simultaneamente com uma secagem de outro especialista. Talvez para a utilização da água, Dichi gaste mais páginas de seu capítulo pois a água era e é considerada pela cultura como capaz de limpar não só a matéria – o que é colocado em conjunto com a ciência ao chamar o recurso hídrico de solvente universal – mas também uma 'áurea' espiritual.

Dichi (2006) descreve o processo:

Primeiro lava-se toda a cabeça, tomando-se cuidado para não despejar água dentro de sua boca ou de suas narinas. Depois lava-se o pescoço, o braço e a mão direita, a metade do corpo do lado direito, a coxa, a perna e o pé direito. Depois o lado esquerdo nesta mesma ordem. Se existe alguma sujeira, pode-se lavar com sabão para removê-la, porém deve-se lavar com muito cuidado.

Quando se lava as costas do morto, não se deve virá-lo de bruços, mas sim virá-lo de lado. Lava-se primeiro o lado direito e depois o lado esquerdo.

Deve-se lavar o corpo muito bem, não esquecendo de lavar bem o ânus.

Limpa-se então as unhas das mãos e dos pés do falecido com instrumentos próprios para este fim, para que não permaneça sujeira em baixo das unhas. Há comunidades, porém, que costumam cortar as unhas do morto. Deve-se continuar o costume adotado pela comunidade.

Há aqueles que costumam pentear os cabelos do morto...

Após a lavagem são descritos outros processos cuidadosos que devem ser realizados:

Depois de lavado, faz-se a *tevilá* [...] com o corpo totalmente descoberto [...]

Nesta hora, levanta-se o corpo. Duas ou mais pessoas, se necessário, seguram-no em pé em cima de um tablado de madeira – previamente molhado com águas que vão ser utilizadas para a *tahará* – para que a água possa escoar. Então, despeja-se continuamente sobre o corpo, pelo menos trinta litros de água...

Em seguida é informada a importância da secagem e cobrimento do corpo; no caso masculino com o que antes foi tecido usado para rezas:

... lava-se a maca onde ele foi lavado, forra-se e deita-se o corpo novamente.

Deve-se então secar o corpo do falecido e vesti-lo com os *tachrichim* [...]

No caso de o falecido ser um homem, ele deverá ser envolto em seu *talet* que usava para rezar...

Quanto à necessidade de cobrir, descrita no artigo 8, é evidente não só que o processo de mumificação compreende o cobrimento, mas também envolve o mesmo material em comum, o linho. É possível visualizar a utilização do mesmo na figura 3, onde há o cobrimento de um corpo encaminhado para a sepultura.

Após algumas descrições quanto ao sangue contido em algo externo ao corpo e a compreensão de que o mesmo carrega parte da alma e por isto deve ser enterrado em conjunto com o corpo, no fim do capítulo acerca da *Tahará*, traz informes extraídos do livro "Guia sobre el Enfoque de la Torá" de Rabino E. Gevirtz, notavelmente:

"Segundo o pensamento judaico, a morte não é o fim, senão o princípio [...]"

"... Sem dúvida, encontram consolo no fato de que a morte não significa o fim de uma pessoa. Sentem alívio ao pensar que aqueles [...] encontrarão a paz"

"... o sepultamento judaico é sempre simples e digno e não complicado e ostentoso. [...] amigos e a família do falecido podem honrar sua memória mediante o estudo da *Torá* e a realização de obras beneficentes em sua memória..."

O entendimento judaico de que os filhos devem rasgar parte da roupa, por vezes até a altura do coração (variando conforme a cultura geográfica) pode ser não só correlato ao coração como órgão de importante conexão com a imaterialidade da vida (também comum pensamento aos egípcios), como pode ser associado com a prática descrita por Heródoto, em que enlutados retiravam roupagem. Porém este rito está 'mais vinculado' ao vivo que mantem um luto do que ao morto, que pode ser encontrado mais ou menos conservado enquanto registro material e arqueológico.

Para além de correlações entre as culturas de crenças e atos religiosos, somados de uma cultura material próxima, a linguística das duas culturas também pode ter semelhanças traçadas em uma linha.

Quanto a cognições e co-relações entre palavras expressas na cultura egípcia e na judaica existem várias: como 'Amon' e 'Amen'; porém, não tão próximas quanto 'shabti' e 'shabat'. No escasso tempo a que mais chamou a atenção foi a palavra em hebraico אמ (pronunciada 'Emet' – Verdade); e מ (pronunciada 'Met' – Morte). De modo que 'א' tem na numerologia o valor '1' (relacionado com a ideia de um único deus); é correspondente ao fonema 'E'; exprimindo a relação entre as duas palavras como algo sem a divindade/sem um sopro divino - se torna a morte; enquanto que com esta presença é simplesmente a 'verdade/realidade'.

Para a cultura egípcia, a 'verdade universal' é conceito expresso como 'Maât' – notadamente similar.



**Figura 3.** Registro de corpo coberto encaminhado à sepultura. Sendo possível visualizar grande quantidade de religiosos da atualidade ao redor do corpo carregando o mesmo para o sepultamento; cujo se assemelha com a descrição de cerimônias antigas como a de Jacó que também é descrita com um número considerável de indivíduos. É possível notar que o corpo é carregado com um tipo de manto branco com listras azuis-escuras; o que é considerado uma norma para os ritos funerários judaicos; podendo variar a listra; ou mesmo o quanto o corpo é coberto com o 'manto' denominado talit (que é muitas vezes o mesmo que a pessoa falecida utilizou para rezar durante a vida). O manto é feito de linho; do mesmo modo que algumas mumificações. (Fonte: <http://www.gazetadebeirute.com/2013/07/os-funerais-nas-tres-religoes>. Acesso em Janeiro de 2017).

#### **4.3 Do arcabouço de ritos egípcios - Divindades, cerimônias, magia e mistério**

A deidade comentada anteriormente, Maat é não só a deusa da verdade para a cultura egípcia como também uma deusa importante para toda a crença que reserva aura acerca do tema da reencarnação.

De acordo com o egiptólogo Christian Jacq (1999) em *A sabedoria Viva do Antigo Egito*, a deusa Maât recebe conotações para além do conceito de 'Verdade', como por exemplo os conceitos de 'Retidão'; 'Equidade'; 'Justiça'; 'Regra'; 'Harmonia Universal' e 'Integridade'. O que

demonstra uma variedade de significados incomparável com a divisão dos nomes mais atuais acordados com partes separadas dos conceitos.

Enquanto pode ser interpretada como 'deusa da verdade' e a 'verdade' se faz abstrata e logo um conceito em disputa, é importante analisar o que circunda o arcabouço do conceito no período contemporâneo. Roger-Pol Droit (2012) traça uma linha dividindo pensadores 'ocidentais' e examina os mesmos.

Onde reside a verdade entre Sol e Terra? É derivada do homem enquanto construção social ou recebida de modo divino? Se é objetiva independente do homem ou se relativa às capacidades e ferramentas ou um local específico de "residência", são questionamentos levantados (Droit, 2012). Em que campo; sendo considerada a simplicidade ou a complexidade; razão, emoção; ou diferentes prazos de existência; além da temporalidade; ou mesmo se é existente ou não existe; e outras hipóteses são questionamentos imprimidos através da perspectiva filosófica ocidental (e também responsável por maiores estudos da egiptologia).

É neste contexto que a problemática traçada por Ian Hodder (1994) em *Interpretación Arqueológica* se faz importante além de presente ou também pode ser considerada intrínseca. A questão levantada é acerca da interpretação de um grupo cultural por outro e, no campo de pesquisa da egiptologia, a problemática está no embrião, pois o campo é influenciado em grande parte pela visão francesa.

Esta deusa, Maat, compõe em conjunto com Anúbis, Anup, Hórus, Isis, Neftys, Osíris, Thot e uma série de outros, sejam mais julgadores, ou aterrorizadores, um grupo de deidades relativas às mortes, proteções para transições; julgamentos e cemitérios, como também relativos a outros campos do conhecimento funerário. Estas deidades apesar de não apresentarem conexões linguísticas tão latentes entre a cultura egípcia antiga e a judaica, devem ser abordadas principalmente porque muitas estão associadas de modo cultural, como é o exemplo da pesagem

das ações realizadas em vida, o que pode ser considerado semelhante a um julgamento e que engloba uma série de divindades.

Montet (1946) descreve em seu capítulo 'funerais' o contexto social além da abordagem teológica para a compreensão da cultura; primeiramente informando que sabiam os egípcios e tinham assimilado que a morte não se dobra por nenhuma prece; e uma narrativa que pode ser considerada uma angústia seca e questionadora: "que significam os anos, por mais numerosos que sejam, que passamos na Terra? O Ocidente é uma terra de sono e pesadas trevas, o lugar onde jazem os que lá se encontram. Dormindo dentro das suas faixas só acordam para mutuamente se contemplarem. Já não conhecem pai nem mãe. O seu coração esquece mulher e filhos. A água viva, que a terra dá a quem a habilita, para mim é água corrompida. Ela chega até junto daquele que na Terra vive, mas a água que está à minha beira encontra-se apodrecida"

Entretanto a informação de que 'a morte não se dobra por nenhuma prece' se verifica contraditória a partir do Hino a Amon de Leyde (70) - pois este mesmo hino pode ser compreendido também enquanto prece - transcrito por Christian Jacq (1999):

Por mais afastado que esteja Amon em seus caminhos  
Ele ouve os apelos daquele que os pronuncia,  
E num instante, vem de longe para aquele que o invoca.  
É ele que prolonga ou abrevia o tempo da vida.  
Ele muda o destino daquele a quem ama" (p.149)

Porém a mesma afirmação se encontra de acordo com outra do nomeado 'papiro de Ani' que proclama a morte como ativa e capaz de ter uma vontade:

Quando a morte vem, ela se apossa tanto do bebê que está nos braços de sua mãe  
quanto do ancião" (p.150)

Pierre Montet (1946) segue, após mostrar os pontos de vista positivos de devotos, acerca

de estarem relaxados e/ou distante de inimigos em um mundo dos mortos. Comenta que haviam sim os cétricos, que observavam que "ninguém regressa para dizer como se encontram os defuntos, o que lhes falta, para acalmar o nosso coração até ao momento de chegarmos ao lugar onde eles se encontram". Ao finalizar a introdução cultural aborda que mesmo com alguns críticos ao cuidado minucioso para com túmulos, que em última instância caíam em ruínas, esta passagem de um mundo para outro seguiu sendo de grande importância no tempo de Ramsés bem como na época das grandes pirâmides, evidenciando a escolha do autor por 2 momentos de uma 'linha do tempo' para serem comparados com as mesmas práticas.

Ao abordar o momento de julgamento, que envolve a presença de diversas deidades, é comentado a partir de um papiro que não deve se supor que tudo será esquecido no dia do juízo, assim como aquele que se apresentar sem pecado perante os juízes dos mortos, viverá no outro mundo, como um deus. Sendo estas duas vertentes acerca das ações negativas e da ausência de ações negativas também possíveis de serem encontradas na cultura judaica quando a mesma aborda também um dia de julgamento, ao fim da vida neste mundo.

Ao entrar no Amentit Setna filho do rei Usimarê, viu Óris sentado em um trono de ouro e coroado com o diadema de duas plumas, Anup, um grandioso deus com as funções de ditar para que Thot, outro deus, desempenhasse as funções de escrivão. Havia ainda os deuses do conselho dos homens do Amentit, localizada no centro, uma balança na qual se pesam as ações más e/ou os méritos realizados em vida. Esta balança destinava os quais tivessem malefícios mais numerosos que méritos para a cadela Amait, os quais tivessem méritos sobrepostos às ações para a condução perante os deuses do conselho e além desta dualidade trazia a possibilidade de os que tivessem méritos equivalentes às faltas para servirem Sokarosiri, coberto de amuletos.

Montet(1946) informa que por muitas vezes a literatura funerária, com o intuito de livrar e/ou anular as más ações em vida e purificar o homem; trazia textos funerários como:

Os meus pecados estão apagados. As minhas faltas foram varridas, as minhas iniquidades destruídas (p.329)

A grande encantadora purifica-te. Tu revelas o teu pecado, que será destruído em teu benefício para que as coisas se realizem segundo o que tu disseste (p.329)

Tu és estável ao passo que os teus inimigos tombam. O mal que de ti dizem não existe. Tu entras na Eneida dos deuses e saís dela com a tua voz transformada numa voz justa (p.329)

Sendo assim o contexto teológico, de ideias baseadas em crenças, além de puro contexto imaterial foi capaz de influenciar nos papiros, que no caso do capítulo CXXV do Livro dos Mortos era colocado junto ao caixão e entre as pernas da múmia e outros materiais do mundo concreto; trazendo a possível análise após tempos passados.

A sala do tribunal, nomeada como a sala das duas verdades, traz uma ideia de dualidade, porém Montet (1946) não sabe explicar o motivo desta nomeação. É descrita com a figura de Osíris em uma capela e as suas irmãs, Isis e Neftys em pé e atrás do mesmo, além de um fundo com catorze acesores e ao centro o suporte da balança está ornado com a cabeça da verdade ou com a de Anúbis ou com a de Thot. Além de ter a presença de um monstro próximo da balança, Monet descreve que "Thot, Anúbis, algumas vezes Hórus e as duas verdades circundam pelo meio da sala", mostrando que as figuras que são bases da balança e ornamento, por vezes estão presentes de modo ativas na sala, porém não deixa claro o que são as 'duas verdades' e nem mesmo o que seria o movimento das mesmas.

O capítulo CXXV do Livro dos Mortos - que pode ser considerado destinado para a entrada na sala da verdade e justiça, além da separação entre a pessoa e os pecados por ela cometidos e para ver o rosto dos deuses - expressa através de mais de 60 partes separadas uma série de reverências além de afirmações positivas, negativas e suplicios. Este mesmo capítulo que



ficava contido em um papiro era auxiliado da declaração da saudação ao juiz e aos deuses presentes, além de uma longa declaração de inocência, que também se expressa através da composição de frases negativas:

Não pratiquei pecados contra os homens... não maltratei os meus parentes... Não obriguei ninguém a trabalhar para lá do que era legítimo... Não caluniei Deus. Não brutalizei o pobre... Não causei a fome de ninguém... Não diminuí o alqueire... Não diminuí o palmo. Não pratiquei fraudes na medição dos campos. Nada retirei do contrapeso da minha balança. Não pratiquei enganar com o peso da minha balança. Não subtraí o leite da boca das crianças... Não fiz parar as águas na sua estação... Não fiz parar Deus na sua saída" (Montet, 1946, p.330)

Esta sequência de declarações negativas é muitas vezes correlacionada com a cultura judaica como se os 10 mandamentos estivessem descendendo destas confissões negativas acerca de ações da vida e devem ser levadas em consideração, pois em muitas tratam dos mesmos temas - além do que principalmente, são constituídos de negativas, já que sete dos mandamentos começam com "não" e terminam com alguma ação, fazendo a indicação de que não deve ser realizada uma ação considerada negativa e apenas três têm em si a ideia positiva de que devem ser realizados. Em última instância, apenas não praticando o que é considerado negativo já se está cumprindo mais da metade dos 'mandamentos' – como, por exemplo, da não realização de ações negativas com familiares, com deus, com a sociedade de modo geral e a não realização de fraudes/mentiras, dentre outras não tão claras, mas possivelmente conectadas como a não cobiça de bens materiais e a negativa da retirada de peso da própria balança.

A diferenciação mais evidente entre a pesagem das ações - que ocorreram durante a vida (material e corporal) e é feita após a morte da matéria-corpo do indivíduo, possibilitando que seu *Ba* vá ser julgado pelo tribunal divino que envolve não só a pesagem do coração, que estaria mais

pesado de acordo com más ações derivadas de uma vida de má conduta, mas também a possibilidade de estar em contato em um mesmo ambiente com diferentes divindades e/ou seres celestiais com aparência mais rígida que podem ser vistos como os condutores dos seguintes caminhos da vida imaterial – que se mostra presente de modo mais complexo e diversificado adentro da cultura egípcia; do que na cultura judaica e o simbolismo do judaísmo, pode ser considerada a existência de uma série de divindades para uma realidade cultural distante de outra monoteísta, pois como já foi afirmado no capítulo anterior, para o judaísmo também ocorre um julgamento com diferentes possibilidades baseadas nas boas ou más condutas.

Contudo, ocorre para Christian Jacq (1999) que os egípcios também tinham versões de Deus como uno, o que pode dar a compreensão da dualidade entre politeísmo e monoteísmo:

"Existes no estado do Um.

Nenhum pai te gerou para que te manifestasses,

Mãe alguma te deu vida." *Hino a Ptah*

(*Sauneron e Yoyotte, O nascimento do Mundo, p.65*)

"Tu és o único,

Tu és o ser que existiu antes mesmo de revelar-se,

Tu és o criador do céu e da terra,

Que oferece sem cessar a plenitude a todo vivente."

*Estela Lyon 88 (1176)*

"Deus se manifesta sob milhões de formas" *Ani*

Ocorre então que as duas culturas tem uma questão latente de respeito com os mortos e a abstração da vida em condição necessária de corpo, uma necessidade de boas condutas a serem realizadas ao longo da vida material e corporal, além da dualidade de um deus único com

diversidades de nomes e de percepções no caso judaico ou de deuses múltiplos, que por sua vez podem representar a algo único e vice-versa no caso egípcio e uma grande consideração ao coração enquanto conexão entre o material e o imaterial, para a realização da vida (ativa em corpo) como é descrito em diversas pedras, estelas, citações e livros; como também no capítulo XXX do Livro dos Mortos:

Ó meu coração, coração de minha mãe coração das minhas formas! Não te revoltas contra mim como testemunha, não te oponhas a mim diante dos juízes, não ponhas o teu peso contra mim diante do senhor da balança. Tu és o meu *Ka* que se encontra no meu seio, o *Khnum* que dá integridade aos meus membros. Não permitas que o meu nome cheire mal, não digas mentiras em meu desabono perante o deus! (Montet, 1946, p.331)

Esta passagem, que frisa um deus único ao final, trazendo o questionamento de a qual se refere, afirma o coração como *Ka*, o que é conectado na seguinte passagem de *Ptah-hotep*:

Segue teu coração durante todo o tempo de tua existência,  
Não cometas excessos em relação ao que te foi prescrito.  
Não abrevies o tempo de seguir o coração:  
Desperdiçar o momento de ação do coração é menosprezar a potência vital (*ka*).  
Não desvies excessivamente tua ação cotidiana para a manutenção de tua casa.  
Quando as coisas acontecerem, segue o coração.  
As coisas não serão proveitosas a quem o negligencia. (Jacq, 1999)

A conexão entre o coração e o *Ka* se mantém, porém é entendida de outro modo nesta passagem. O que denota uma complexidade pelo menos nas possíveis interpretações de relações entre o coração e o *Ka*. Para Sentinella, a composição do ser humano na crença egípcia é descrita em quatro partes divididas:

- um corpo físico vivo chamado *khet*, suscetível de padecer um processo de

decomposição e que só poderia conservar-se por meio da mumificação;

- uma parte espiritual divina chamada *ka*, que poderíamos traduzir como "o duplê";[...] mesma forma e atributos do ser humano ao qual pertencesse. Seu lugar de permanência estaria na tumba, junto à múmia do defunto, ainda que pudesse deslocar-se de acordo com sua própria vontade. Sua representação simbólica era a de dois braços unidos e levantados;

- a alma [...] *ba*; não era um elemento físico, mas assim como o corpo, era único a cada pessoa. Costumava-se representá-la como um pássaro com cabeça humana;

- o espírito ou *akh*; é a projeção, o estado mais perfeito do ser que conclui o processo iniciático. É o estado no qual o falecido existe em outra vida. É imortal" (2008, p.21)

O coração estando intrinsecamente ligado ao *Ka* estaria em interação conjunta com as outras partes da vida, e deve ser considerado com importância mais intensa na cultura egípcia do que na judaica, pois ao menos as fontes apesar de indicarem importância para com ambas, divergem na expressividade de como entendem a veemência.

Outra semelhança que deve ser abordada é a ocorrência da cultura judaica de colocar-se em contradição ao menos em um dos modos interpretativos ao compreender que Deus é uno e que todo o restante de variáveis são interpretações, nomeações, compreensões limitadas pelo ser humano dentre outras negativas do politeísmo (mesmo se este é questionado na etimologia de *Elokim* – palavra hebraica com fim em *im* que tende a ser entendida enquanto plural, porém é utilizada para um único deus), enquanto que para os egípcios a dualidade também é apresentada, porém apresentam esta dualidade, como já foi informado através de algumas citações, com uma cultura que tende de diversas maneiras à apresentações de deidades múltiplas, sendo a unicidade algo a ser considerado uma exceção, que o senso comum atribui a função de 'confirmar as regras'.

As quarenta e duas deidades comentadas da sala do julgamento ou sala das duas

verdades não são nomeadas de modo simples, porém é perceptível que Hórus, Anúbis e Thot são referências com importâncias quase que equivalentes neste julgamento, além de Osíris que aparece de modo polarizado/centralizado e Anúbis que aparece como realizador da pesagem do coração (ato principal da sala) e por estes e outros motivos estas deidades foram selecionadas para serem melhores expostas do que Isis, Neftys, e os catorze acessórios pouco comentados, além dos deuses do conselho; sendo ambos os grupos não nomeados e dos deuses de nomes aterrorizantes que apenas são citados nesta passagem.

O homem com cabeça de pássaro, divindade chamada Hórus, é manifestada por vezes com ligações ao sol e na cultura com variedade divina em relação com os ritos funerários, também existem conexões entre Hórus e a áura fúnebre.

A cerimônia de abertura de boca e olhos declama:

"Levante-se, endireite-se, Osíris! Veja, sou eu, seu filho Hórus em pessoa que vim para lhe devolver a vida, para reunir seus ossos e seus membros. Sou Hórus, o criador de seu pai, seu filho e vingador, cujo olhar lhe devolverá a vida. Hórus lhe abre a boca. Dá a você olhos para ver, orelhas para ouvir, pés para caminhar e mãos para realizar obras!" (Sentinella, 2008).

Porém como as deidades estão intimamente conectadas, sendo por vezes agrupadas com uma árvore genealógica, considero necessário traçar a ligação entre algumas destas, como é o caso de Osíris, que é clamado por Hórus nesta passagem apontada e que também ocorre de ser relacionado a outras deidades, como ocorre no *Texto dos sarcófagos*, capítulo 1162:

Fórmula para encontrar-se cada dia no campo da plenitude, entre os seguidores de Osíris e entre os seguidores de Thot: eles comem o pão entre os vivos, eles não morrem, o sopro vital está em suas narinas. (Jacq, 1999).

Este mesmo deus, Osíris é "considerado o deus dos mortos, da ressurreição e da vida

eterna. Porisso, fazer oferendas a Osíris é um passo fundamental no caminho da eternidade"<sup>1</sup> e também é entendido como filho de Gheb (a terra) e de Nut (o céu) - sendo o primogênito sucessor de seu pai Gheb, e após morto por seu irmão Seth, é reencontrado por suas irmãs Ísis e Neftis e ressuscitado com o auxílio de Anúbis – tendo além de interação com outros deuses que fazem a sua história ter narrativa de morte e volta a vida, este deus passa a ser o próprio rei no subterrâneo e julgador de mortos e da relação de outrem entre a morte e a vida, sendo possível de ser ainda associado com a terra, pois mesmo não estando com a realeza, que fica com seu filho Hórus, mantém a conexão já que o subterrâneo e a terra possuem ligação inextricável.

Vale ressaltar que o deus Thot – que também era uma deidade com cabeça de pássaro e que está conectado com a sabedoria, magia, escrita e a invenção dos hieróglifos, além da escrita, aritmética, ciência e interpretado com um disco (que representa a lua) na cabeça e tendo assim algum mando sobre o tempo, também mantinha conexões próximas do coração, como é possível visualizar na citação de *Petosiris*:

Ó meu mestre Thot, duas vezes grande,

O um único,

Que não tem um semelhante,

Que escuta e vê todo aquele que passa,

Que conhece todo aquele que vem,

Contra a vontade de quem nada sucede!

Levaste meu coração a caminhar sobre tuas águas,

Aquele que anda por teus caminhos não dá um passo em falso. (Jacq, 1999)

Porém é Anúbis – o deus com cabeça de chacal, considerado o mestre dos cemitérios, patrono dos embalsames - o personagem que não só introduz o defunto com a veste de linho na sala, mas quem de fato faz a pesagem do coração, comparando-o com uma pena (também dotada

de simbolismos). Este processo de pesagem e julgamento é denominado *psicostasia* enquanto conceito cultural e pode ser visualizado na figura 4. Esta deidade é consideravelmente importante, visto que transcende a mumificação tanto do deus Osíris, para desempenhar papéis fúnebres importantes para com humanos de todos os tipos. Sendo assim, é considerando a única menção acerca de Anubis, realizada por (Jacq, 1999), em *A sabedoria viva do antigo Egito*:

Que concedam a oferenda o Faraó e Anubis, aquele que se encontra sobre a sua montanha, que preside a capela divina e a matriz da ressurreição, o senhor da terra sagrada.

Possa ele te permitir atingir idade avançada em plenitude, Teres entrada no Ocidente,

Tornar-se venerável junto ao grande deus,

Caminhar em paz pelos caminhos perfeitos do Ocidente, E te elevares em direção a Deus, senhor do céu.

Que o Faraó te faça conhecer a transfiguração pelos ritos, por ocasião de cada festa sagrada. (Jacq, 1999 p.164)

Esta deidade pode ser classificada ao patamar hierárquico de um Faraó - considerado grandioso pelo mesmo autor – e também detinha o poder de indicar o futuro da vida pós-morte, sendo por vezes este desfecho alterado pela oração/fórmula (descrita como capítulo XXX do Livro dos Mortos) usada para que o coração se amolecasse e se mantesse em equilíbrio na balança, 'salvando' o julgamento de quem ali estivesse.



**Figura 4.** A psicostasia enquanto conceito cultural. No centro Anúbis – com cabeça de chacal – pesa a pena de avestruz no prato da direita e o coração no prato da esquerda da balança; enquanto que o sujeito aguarda o julgamento. As duas Maât (conceito amplo discutido) contemplam à esquerda do coração; enquanto que Thot – mais conectado com a sabedoria – exerce a função de escribão ao lado direito de Anúbis; e o monstro denominado Ammit aguarda a possibilidade de devorar no caso de um julgamento especificamente negativo. Todo este julgamento e simbolismo atrelado ao mesmo são denominados como 'Psicostasia' e estão presentes no Papiro de Ani. (Fonte: <http://www.miezewau.it/libromorti>. Acesso em Janeiro de 2017).

Para além dos deuses e de cerimônias os mistérios de construções - como Abu Simbel de Ramsés II além das séries de interrogações produzidas pelas pirâmides - e a magia - descrita no *Talmude* como dividida em 10 partes, sendo que nove destas caíram no Egito e presente também em tatuagens, como é exemplo no artigo de Watson - também são temas que podem e devem ser abordados no contexto deste trabalho, pois interligam culturas abstratas e concretas dos dois grupos populacionais.

As pirâmides (construções que são vistas em todos os continentes) do Egito podem ter sido influenciadas por Zigurates – outro tipo de construção, mais característicos da Mesopotâmia – que detinham forma parecida, por exemplo, com as pirâmide escalonada de Saqqara. O tema é discutido em diferentes vertentes, sendo que de acordo com Roaf (1996) "as pirâmides eram túmulos, onde a câmara mortuária estava oculta no centro do monumento, sem estrutura por cima



enquanto que os Zígurates são caracterizados como sólidas construções de tijolo coroadas por um templo". Roaf – que foi diretor da Escola Britânica de Arqueologia do Iraque – contudo, não fecha a questão, informando que existe a possibilidade de que uma grande estrutura piramidal tivesse vindo do Egito. (Largacha, 1993) comenta que "a presença de mercadores de Uruk parece evidente; [...] porque eles podem ter instruído artistas egípcios na forma, proporções e significado dos temas representados em paletas de ardósia e cabos de faca, também porque [...] arquitetura não pode ser trocada"; assim concebe que um contato pessoal e direto entre as pessoas das culturas Uruk e Baixo Egito deve ser ocorrido.

Porém as pirâmides que se tornaram maiores símbolos do Egito, foram apenas algumas, em detrimento de muitas outras - sendo denominadas pirâmides de Queóps, de Quéfren e de Miquerinos – em parte por causa da fonte escrita e história platoniana em referência às mesmas, considerando-as em grupo como uma das 7 maravilhas do mundo antigo. Outras fontes informam que Platão se referia apenas à Pirâmide de Queóps como maravilha.

As construções acabaram por denotar sentido misterioso, não só porque foram as únicas (das sete maravilhas) a se manterem, mas também por apresentarem formato que se repete em outras partes do planeta, além do fato de que a Grande Pirâmide de Queóps, afirmam muitos, não seria possível de ser construída nos dias atuais, tanto pela arquitetura quanto por efeitos no mínimo estranhos a serem descritos. Quanto ao formato e a importância da construção; Duncan (1985) informa:

O que despertou o maior interesse entre os pesquisadores [...] geometria simbólica das pirâmides que, na base, forma um quadrado, e nos lados um triângulo. O triângulo, símbolo da divindade (Osíris, Isis e Horus, trindade divina), está sobre o quadrado, símbolo da matéria. Visto que entre os egípcios o culto aos mortos era o primeiro dos deveres do homem, não se deve descartar a

hipótese que esta forma de construção tem um significado simbólico. (p.15)

Quanto ao tema de grande amplitude, a revista Planeta (1974) se aprofunda coincidindo com argumentos de Duncan e indo até o ponto simbólico de correlação com Montanhas Sagradas para diferentes contos, "Em resumo, é o símbolo da união entre o céu e a terra", o que de acordo com Jacq (1999) em "[...]sua montanha, que preside a capela divina e a matriz da ressurreição" também é considerada a referência de alusão. Na revista a trindade é descrita para além do exemplo cultural egípcio, correlacionado com outras trindades culturais, dando margem para uma posterior análise numerológica, onde o número três é identificado com o fogo, o tempo e a família; (com enfoque para famílias sagradas). Enquanto que Jacq coincide a análise a partir da transcrição do *Texto das Pirâmides 514*:

O Faraó uniu os céus.

O Faraó construiu a cidade de Deus, como era seu dever.

O Faraó é o Três no momento de sua aparição.

Além do simbólico, a pesquisa - que observou a morte de animais pequenos que morriam desidratados ao entrar na pirâmide e que se tornavam múmias naturais - do viajante Bovis é citada pela revista e sendo melhor comentada, esta funcionalidade de uma estrutura piramidal é descrita por (1996):

Se construirmos um modelo reduzido (de madeira ou papelão) uma pirâmide homóloga, orientando um de seus lados para o norte magnético, uma matéria prima animal colocada dentro desse conjunto se mumifica em cerca de dez dias.

(p.229)

A partir destas verificações é possível compreender que o sentido simbólico e o funcional não são dicotômicos, mas muitas vezes dialógicos, quando não complementares e sinestésicos. Sendo assim, grande parte das construções que são muitas vezes interpretadas

apenas com uma das óticas, não de ser melhor analisadas por quem não faz parte da cultura e/ou não tem o conhecimento acerca daquela construção, sejam gigantescas e monumentais - como Abu Simbel, o último e maior dos templos do Novo Reino, com fachada de enormes colossos cortados na rocha ou as pirâmides já descritas - ou mesmo outras menores em tamanho porém também com simbolismo e funcionalidades, como papiros; desenhos de símbolos; pinturas e até mesmo barcos. Nesse sentido alguns feitos podem ser correlacionados com a práxis que envolve um sentido teórico e prático.

De acordo com Rodrigues-Carvalho (2014) o "pensamento simbólico é a extrapolação dos elementos tangíveis do contexto natureza/matéria e a construção de uma visão de mundo para além desses elementos [...] existe, de fato, na construção das relações sociais, por exemplo, e precede sua materialidade expressa nos artefatos e nos vestígios de ações humanas pretéritas." Sendo este pensamento tornado possível a partir de evoluções humanas com a acumulação de processos biológicos e culturais, podendo os últimos serem entendidos como uma adaptação/evolução também biológica e da (sub)existência:

... ancestrais dependiam de sua organização social e de sua cultura material [...] cenário de extrema constrição ambiental, inteligência e imaginação, [...] cruciais para a sobrevivência desses primeiros humanos. Memória, cognição. Espacialidade, anstração, capacidade de comunicação e de transmissão de conhecimento [...] continuaram sendo aprimorados [...] fundamentais para o desenvolvimento do pensamento simbólico complexo.

Este simbolismo e abstração historicamente desenvolvidos podem ser interpretados então como da natureza (da seleção) humana e transcendentem a recortes tempo-espaciais para o ser humano nas mais diversas culturas.

Outro exemplo de material com funções práticas e simbólicas perceptíveis - se não

tinham outras que não foram percebidas ainda - é o barco e mesmo que não seja uma construção calcada no solo e que ali se mantém, detinha importância considerável, como o transportador entre Oriente e Ocidente que eram entendidos além de orientações geográficas, também como metáforas em correlação com o Rio Nilo - base de desenvolvimento da sociedade e difusor de histórias e mitos que trafegam o tempo da região – sendo este símbolo descrito em diversos (con)textos e passagens, como é exemplo do *Hino a Amon de Leyde* (800):

O ser que se desvia não entra no lugar da retidão,

O país do silêncio.

Somente o ser de coração reto é admitido no barco,

pois o barqueiro não atravessa os seres que se desviam.

Como é feliz aquele que chega à outra margem!" (Jacq, 1999)

O barco aparece ainda no 'Livro dos mortos' - ao qual Rachewiltz (1993) salienta que *Kitab-el- Mayytún* foi designação árabe para quaisquer rolos de papiros encontrados em tumbas, podendo assim ser considerado amplo e vasto em termos de conteúdos – que em versão ricamente informada por Rachewiltz (1993) através de uma grande diversidade de passagens, considera nos capítulos/fórmulas XCVIII, XCIX, e C por exemplo, com diversidades de tipologias; todas conectadas ao compêndio de ritos funerários.

É interessante pensar algumas relações da cultura egípcia com ritos funerários como por exemplo os julgamentos pós-morte; barcos; as múltiplas deidades; múltiplas partes não-materiais da vida e ainda a capacidade de partes materiais como a pele, estarem conectados com o imaterial a partir do simbólico, que se apresenta por diversas vezes enquanto mágico.

Segundo Watson (2016) uma múmia de três milênios atrás foi encontrada com uma série de tatuagens com efeito mágico, contendo imagens de objetos como a lótus, vacas, babuínos, além de pontos linhas e outros traços impregnados de simbolismo. Através de contagens com a

utilização de radiografias, Austin pode 'determinar' que a múmia contem mais de 30 tatuagens, sendo importante notar que um símbolo específico - o 'par de olhos' - é visualizado seja qual for o lado que esteja a pessoa que observa a múmia.

De acordo com David (2014) nas análises de diversas pinturas de tumbas em períodos diferenciados, as obras são feitas passando uma série de informações de maneira complexa - incluindo trocadilhos, numerologias, jogos textuais e sonoros, como aliterações, além de outras figuras de linguagens como representações, metáforas e o uso de paranomasias - por vezes intercalando os contextos escritos com os pictóricos e revelando ou não significados ocultos, a autora ainda comenta acerca da carta de Benedité para Dacier, que informa que “a escrita hieroglífica e a arte egípcia estão unidas“ mostrando o pensamento de Benedité de que há um sistema que combina e transmite mensagens simultaneamente a partir de signos gráficos e imagens plásticas, que de acordo com a semiótica de Roland Tefnin's devem ser entendidos como códigos, tecidos da imagem para a palavra e decodificados.

É compreensível assim a conectividade desta investigação acerca da linguagem com o problema analisado por Hodder (1994) acerca das pesquisas sobre objetos encontrados; sendo que em muitas vezes partem de uma pessoa de um mundo contemporâneo e diferenciado e acaba por sobrepor uma cultura atual à cultura antiga, mesmo que sem a intenção.

Devido a estas questões, é considerável de extrema importância analisar com cautela e cuidadosamente o que algumas culturas desenvolveram e por quais motivos, sejam estes de subsistência ou abstrações culturais que transcendem o material puro e isolado de um culto.

Uma série de símbolos molda e são moldados pelas culturas, em uma relação intrincada e dinâmica, sendo que alguns símbolos são mais comuns à uma diversidade planetária sendo até mesmo possíveis de serem interpretados adjuntos de uma inerência ao humano - como o sol, a

lua, outros astros, e referências à natureza - enquanto outros símbolos se apresentam menos comuns para a amplitude de recortes tempo-espaciais, como o Ankh, Udyat e até mesmo o escaravelho, que detinham importância particular para a cultura egípcia.

No caso do Ankh, também conhecido como cruz ansata, é possível ser identificada uma simetria no símbolo e ao mesmo tempo uma correlação com o equilíbrio entre as chamadas forças femininas e negativas, o que também é percebido em interpretações do símbolo referente aos judeus - da estrela de Davi – bem como em outras culturas.

Os escaravelhos foram observados - rolando esferas, das próprias fezes, que ao morrerem e contendo ovos, possibilitavam um nascimento de outro escaravelho, que seguiria rolando uma esfera e por estes fatores observados foram associados ao ciclo do sol, que está sempre em movimento e à ressurreição (interpretação proporcionada pelo nascimento de outro) - e interpretados enquanto símbolos com poderes mágicos, além de entendidos enquanto divindades capazes de rolar o sol e assim serem dominantes do tempo. A partir deste contexto simbólico, podem ser aproximados dos chamados Ankh - que também eram símbolos relativos à vida após a morte - e podem ser melhor entendidos os achados de escaravelhos esculpidos em rochas, encontrados ao invés do coração em algumas múmias.

#### **4.4 Das relações culturais na região - O espaço, o tempo, e o que é comum**

Estes escaravelhos, símbolos relativos ao tempo e disseminados por diferentes dinastias egípcias, foram encontrados também em diferentes localidades para além das descritas como antigos territórios de diferentes épocas do(s) Império(s) egípcio(s). Israel enquanto território atualmente compreendido foi uma das áreas nas quais foi possível encontrar alguns destes objetos, como é exemplo da figura 5 que mostra a base de um escaravelho-selo. Desta forma o

local em que o objeto é encontrado fornece uma pista para decodificar o passado de rotas migratórias, sejam estas comerciais e/ou militares ou mesmo de outros tipos e estirpes.



**Figura 5.** Base de escaravelho-selo encontrado no norte de Israel. Notam-se desenhos de outros símbolos adentro do mesmo. (Fonte: <http://www.algemeiner.com>. Acesso em Janeiro de 2017).

De acordo com Largacha (1993), muito foi trocado entre a civilização egípcia e outras regiões mais distantes como a Mesopotâmia e a Suméria e neste contexto de trocas; possivelmente localidades que nada tinham que ver com algo institucionalmente ligado - seja um comércio ou mesmo uma relação militar - mas sendo apenas uma zona de passagem, podem ter recebido 'por acaso' alguns objetos, que de qualquer maneira ao serem encontrados sublimaram um recorte sócio-espacial necessário para pesquisas.

Para qualquer tipo de pesquisa, é importante uma delimitação e portanto os recortes fazem-se fundamentais, se não essenciais. Grataloup (1991) esboça a passagem progressiva de regiões aos períodos ao informar que "todo domínio - ou campo - científico [...] deve ser limitado

e recortado, para poder ser identificado, administrado, atribuído".

Traça então três pontos substanciais para a evolução de uma ciência/campo de estudos, incluindo a fundação - que faz os recortes progressivamente institucionalizados - a fase de questionamentos acerca dos limites, internos e externos, que "embaralha" as cartas do recorte e por fim coloca a fase de retorno ao objeto disciplinar central; que recoloca a questão dos recortes, concluindo ao final do processo a possibilidade de se identificar quatro espécies de regiões:

...administrativas, vividas, homogêneas e polarizadas [...] podemos esboçar [...] uma tipologia dos recortes cronológicos segundo essas quatro categorias.

Em seguida o geógrafo traz uma corrente de pensamento para com a linha do tempo informando que não existem, no tempo, limites jurídicos incontestáveis, sucessões de impérios, de regimes, de reinos, de presidências, etc. Numerosos estudos históricos são delimitados por estas "fronteiras" cômodas e isto tanto mais quanto, como nos recortes espaciais, elas incorporam amplamente as fontes de informação". Deste modo é possível a percepção de temporalidades a partir de dinastias e reis, por exemplo, serem características de estudos e mais simples de serem esquematizadas mudanças sociais e ambientais a partir dos poderes institucionais. No caso da informação, talvez pelo fato de algumas dinastias terem tido acontecimentos de maiores importâncias - assim como utilizações de diferentes materiais, possivelmente com maiores repetições e talvez utilizados locais com maiores conservações - estas carreguem com elas mesmas maiores registros para a história superando por vezes períodos de maior amplitude.

Maurício de Abreu (2003) nos mostra em *Reinos desaparecidos e povos condenados* livro que contém dois capítulos acerca do Egito, sendo um acerca de período mais antigo e as antiguidades incapazes de serem compreendidas, o que traz grande aura de mistério para a conotação paisagística e o outro acerca das transições de Akhenaton, com breve introdução sobre seu início e comentários sobre as instabilidades após sua revolução monoteísta/monoclástica.



Retaillé (1988) auxilia nesta composição para a delimitação de pesquisa através da crítica que compara os estudos zonais aos fusos horários:

se ninguém estuda o mundo por fusos horários, os estudos zonais, ao contrário, parecem sofrer com frequência os mesmos processos reificadores.

Adentro do objetivo desta revisão de comparar e relacionar duas culturas que atravessaram milênios e tem entre indas e vindas espaços, regiões, territórios, paisagens, e lugares que 'englobam' as mesmas chegando até um período pós-moderno com proximidades - geográficas, culturais, sociais e também com territorialidades em comum que tornam possíveis a concatenação de ideias para o recorte de ambas em um 'baralho separado'. Parafraseando a analogia de 'cartas de recorte' de Grataloup; é cognoscível a crítica de Retaillé e entendível que as mesmas não devem ser analisadas somente à luz de um estudo zonal, embora este seja um exame de grande importância ao contexto objetivo de buscas para a compreensão de semelhanças culturais adentro de conhecimentos arqueológicos.

Quanto ao recorte temporal Bois (1976), comentam acerca da oposição entre reprodução e transformação:

Identificar o feudalismo ou a idade Média pressupõe que pelo menos numa parte dos processos sociais os fenômenos de reprodução se imponham amplamente sobre os da transformação social.

A partir desta demonstração de exemplo específico, que pode até parecer dicotômico, mas o pensamento apenas apresenta uma dualidade; que quase uma relação de equilíbrio, coloca em evidência que o tempo contínuo está sempre se modificando em conjunto com transformações sociais e que é a partir das relações sociais e da interação das mesmas com a temporalidade que a sociedade pode vir a perceber e/ou mesmo realizar os recortes temporais.

Neste sentido se assemelha com a visão de tensionamento de Grataloup (1991):

Da mesma forma que para os territórios, os dois recortes se imbrincam ao mesmo tempo em que se opõem [...] Seguindo o velho princípio de que toda época é de transição [...] Toda partição do tempo (ou do espaço) [...] tudo depende se traçamos primeiro os limites, que vão então insistir sobre as características comuns dentro desses limites, distintas daquilo que está fora deles, ou se partimos de um ponto central a partir do qual se construirá uma fase de gênese e uma fase de consequências.

Se o tempo e o espaço são algo único, como que um tecido e que não pode ser separado. Logo, as análises que os campos de saberes constituem como história geografia estão alienados de uma realidade física - não apenas teórica, mas demonstrada - mas principalmente assim estão pela incapacidade humana em termos de percepção do espaço físico esboçado por Einstein. Porém se de um modo somos incapazes de perceber este espaço-tempo; o que deve ser minimamente compreendido é que todo espaço está relativo a um tempo; seja um átomo para um estudo com base em uma foto ou um tempo de um suntuoso e majestoso rei, que não governou um espaço universal ilimitado, mas um espaço físico e palpável - material - e mutável. É através destas reflexões que se montou o argumento de que um período - como a idade média - não existe sem um espaço; ou um espaço administrativo ou mesmo natural - não existe sem um período, por menor ou maior que seja.

Se por um contexto filosófico é possível a "tempoespacialização" dos objetos sociais em questão em outro âmbito de pesquisa - a arqueologia - existe um pólo; se não o centro da pesquisa baseada em um arte-fato material, palpável, seja uma estela com inscrições, rochas e/ou lascas evidentemente trabalhadas ou mesmo um papiro.

A arqueologia como uma ciência atual está limitada às influencias da sociedade e toda a microfísica do poder, bem como a macrofísica do mesmo, e por estes e outros motivos tem

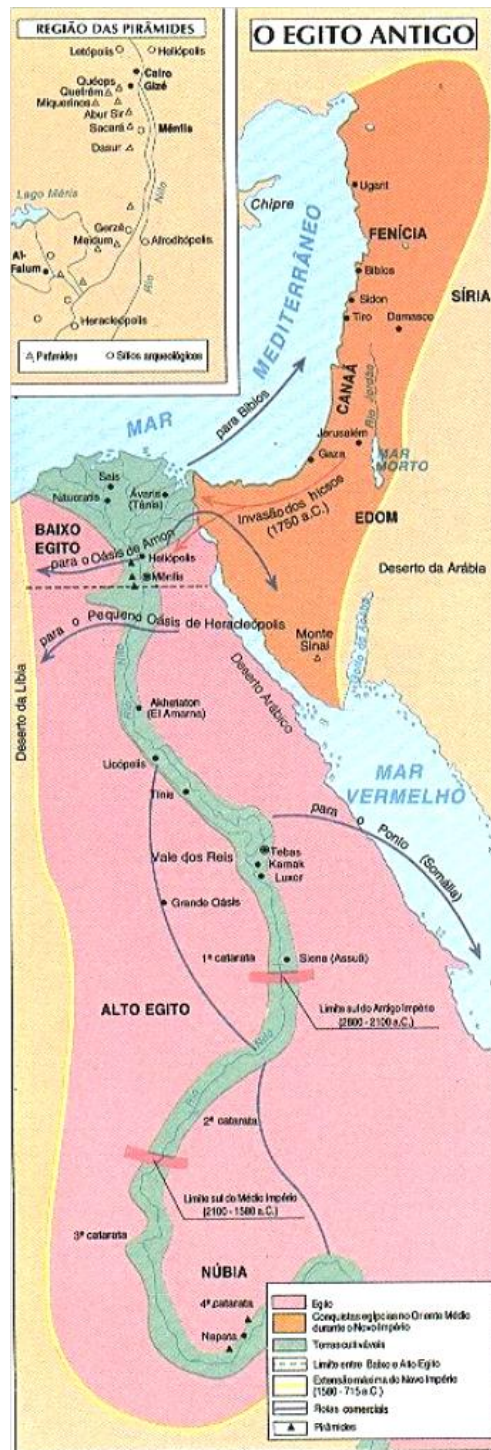
condições muito específicas de estudos quando tange a culturas vivas, onde existe uma territorialidade inerente e composta por discursos cujos alvos por vezes são de uma das culturas até a outra. Mesmo limitada, a arqueologia possibilitou leituras de milênios atrás após estudos da chamada 'egiptologia' (por exemplo); a qual tem estudo enfaticamente conectado com desobertas de escaravinhos egípcios em expansão territorial no 'Novo Império'; assinaladas em *A Mnhpr Scarab from Tel Abel Beth Maacah*. (David, 2016).

A arqueologia necessita de um material (Hodder, 1994) e este tipo de achado energiza uma pesquisa e motiva maiores escavações para aberturas de diferentes achados e seus referentes contextos. O artigo de David (2016), que parte de um único achado de um escaravinho em Tel Beeth Maacah e gera discussões bem como hipóteses, tanto acerca do objeto e de seu contexto de fabricação, como da possível evidência que se mostra no fazer arqueológico.

Ao ser encontrado um objeto de significação cultural egípcia em espaço cultural judaico da atualidade é possível a percepção de que a relação espaço-tempo por mais que não seja a mesma e que as culturas não sejam as mesmas, tem de fato uma conexão com o passado de territorialidades inerentes para ambas as culturas. Pois é sabido que o passado influencia no presente e neste contexto o homem e também a sua cultura é influenciador e influenciado por si próprio, moldando territórios-lugares, migrando e estabelecendo suas conexões com os diferentes recortes espaciais que se interligam.

O escaravinho após ser tratado em discussão é comentado que deve ser referenciado pelo período de Ramsés II e a partir desta referência que tem base na morfologia do próprio achado, o escaravinho passa a ser um elemento de conexão do tempo-espaço de avanços militares-administrativos do império ramsesiano no território que hoje corresponde ao norte de Israel. A partir do mapa visualizado na figura 6 é possível verificar que o chamado Novo Império, o qual Ramsés II fez parte, se estendeu além da localidade na qual o escaravinho foi encontrado.

Quanto ao que tange a correlação tempo-espacial tão substancialmente abordada por Grataloup (1991) em *Períodos do espaço*; o contexto arqueológico e de recorte tempo-espacial delimitado é possível traçar uma 'ponte' atando estes dados com o mapa cronológico do livro *Grandes Impérios e Civilizações – Mesopotâmia I*, de Michael Roaf (1996) que aponta que houve maiores relações do Egito na região do Levante entre 3000 e 2500 AC; e após 500 anos, maiores influências entre os 2000 AC e os 1000 anos AC; chamadas dominantes.



**Figura 6.** Mapa que demonstra possível recorte espacial em laranja associado ao Império Novo - considerado entre cerca de 1550AEC e aproximadamente 1070AC. (Fonte: <http://culturabrasil.org/egito.htm>. Acesso em Janeiro de 2017).

Ainda na fonte de Michael Roaf (1996) é colocado que "estudiosos indicam que a religião foi a força que impulsionou a transformação dos povoados em cidades" (p. 72). Isso, denota uma espécie de confirmação para a concepção de campos conectados da urbanização antiga e arqueologia de povoados em conjunto com a teologia destes grupos sociais.

Através do artigo de Largacha (1993), é possível a compreensão de que não apenas as existências materiais hão de ser estudadas mais a fundo e os direcionamentos de maiores relações de influência com relação 'ativa/passiva', mas também é possível a compreensão de que mesmo com uma série de dúvidas como, por exemplo, as rotas de contato comercial entre a Mesopotâmia e o Egito - por vezes incluindo também o Levante, como região intermediária - a arqueologia em contato com outros campos de saberes atuam em conjunto para criar hipóteses plausíveis, com cada vez menores margens de erro e mais dados conforme avançam estudos, de um passado difícil de ser comprovado cientificamente.

De acordo com Hodder (1994) na "medida que aumenta a duração e intensidade da ocupação de um depósito, se dá também uma maior organização e um movimento secundário de dejetos alejado das áreas de atividade". Em seguida informa que um de seus trabalhos mostra que a cultura material não só é reflexo do comportamento humano, senão também uma transformação deste, o que justifica também contatos com o campo da sociologia para com interações com o campo arqueológico.

No caso de estudos relevantes para a cultura judaica, a cada descoberta e/ou exame existe uma consequência social muito clara de manifestações acerca das informações divulgadas. A fonte *Papiro de Ipuwer* comenta de calamidades da cultura egípcia que foram relacionadas com o fenômeno conhecido como 10 pragas do Egito, no livro *Shemot-Torah* também conhecido como Êxodo-Bíblia. São descritas: Sangue, sapos, piolhos, animais ferozes, peste, ferida,

gafanhoto, granizo, escuridão e a morte dos Primogênitos. Com diversas tentativas de explicação, incluindo fenômenos da natureza, o Papiro situado no museu de Leiden, na Holanda tem as seguintes afirmações:

O rio é sangue. (10:2 )

As pessoas tem medo de experimentar, o povo tem sede de água. (10:2)

Esta é nossa água, essa é a nossa riqueza, o que faremos? Tudo foi devastado.

(13 – 10:3)

As árvores foram destruídas (14:4)

Não é possível encontrar fruta ou verdure (1:6)

Ó, os portões e os muros viraram fogo (10:2 )

Olhem, o gado está abandonado e ninguém os recolhe, cada um pega para si o que está identificado com seu próprio nome (3:2-9 )

Ó, a colheita sumiu em todos os lugares (3:6)

Ó, foi destruído tudo aquilo que restou de ontem, a terra está devastada, nua, como depois da colheita. (12:5)

Não é possível encontrar fruta e verdura... a fome! (1:6)

Todos os animais choram, geme o gado. (5:5)

A terra não tem luz. (11:9 )

Lamentos preenchem a terra, lamentos, cantos e choros fúnebres". (14:03)

Ó, os filhos dos príncipes foram jogados nos muros! (3:4, 6:5)

Ó, os filhos dos príncipes foram jogados nas ruas! (6:12)

A prisão foi devastada. (3:6)

Em todos os lugares encontra-se alguém que enterra o irmão na terra. (13:2)

Apesar de as citações estarem conectadas - com outros versículos que aparecem diante da Torá; sendo considerados sobre as mesmas temáticas – esta correlação não é o suficiente para atestar o êxodo de acordo com a metodologia científica e ainda mais para a arqueologia se tratam de questões complicadas, principalmente pois são dificilmente testadas, como é o caso exposto da arqueologia experimental de Thor Heyerdahl que teve de fazer um barco e arriscar a vida para comprovar a viabilidade de sua teoria, que por fim estava também correta, em conjunto com o paradigma existente na época (Pontus Skoglund, Swapan Mallick, Maria Cátira Bortolini, Niru Chennagiri, Tábita Hünemeier, Maria Luiza Petzl-Erler, Francisco Mauro Salzano, 2015; Solsvik, 2012) .Porém para casos que envolvem histórias milagrosas é realmente difícil, se não impossível, vir a testar a possibilidade da existência de milagres do passado e sendo assim existe uma tensão latente e (r)existente independente de correlações entre textos e achados arqueológicos como rodas e/ou espadas relativas ao contexto do êxodo.

Um exemplo claro da dificuldade de tratar das dez pragas é o que análises científicas colocam como possibilidades de sucessão de eventos naturais – iniciando com um fenômeno chamado maré vermelha e por fim terminando com a morte de primogênitos que teriam se alimentado de uma porção maior de um alimento com o possível surgimento de microorganismos que produzissem toxinas fatais - causando um impacto ao correlacionar possibilidades reais e científicas da natureza com a história contada. Desta maneira por exemplo, ocorrem tentativas de não excluir a presença divina como forma de conciliar interesses em uma única teoria, porém após milênios é muito difícil e quase que impossível descrever com precisão o que ocorreu e que existem poucos dados qualificados diante de uma demanda gigantesca para maior segurança de



afirmações científicas.

Outros achados arqueológicos que brilham principalmente para a chamada arqueologia bíblica e valem ser comentados para além do Papiro, são a chamada Estela da Tempestade - que aparece como referência de uma das pragas - partes de uma carruagem e uma espada - encontrados em mar próximo, como referência à cheia que possivelmente matou grande parte do exército que perseguia o povo do êxodo – além de um anel, que se mostra como referência de um selo presenteado à Yossef(José) por Yaacov(Jacó). Os pedaços da Estela denominada *Storm Stella*, encontrados no templo de Karnak, foram considerados relativos a algumas das pragas bíblicas, notadamente a de tempestades e escuridão, ainda mais quanto as partes foram datadas de período em que o Faraó era nomeado *Ahmoze*; notadamente o que faz sentido na língua hebraica ao comparar a contração *Ah* (irmão) + *Mose* (Moisés).

A estela com aproximados 3.500 anos, seria o primeiro registro climático da época e através de cerca de 40 linhas horizontais - encontradas ainda com a presença de pigmentos vermelhos e azuis em algumas - relatam acerca de uma escuridão que houve na época em conjunto com chuva intensa e a ideia de um céu que teve 'tempestades incessantes' maiores do que os gritos das massas populacionais. O descobrimento de outras partes se seguiram até o ano de 1951, adentro da cidade de Thebas, mais especificamente no terceiro pilão do templo de Karnak.

O anel aparece no contexto social no qual as pessoas de grandes relações de poder administrativo e hierárquico utilizavam destas peças como adornos nos corpos, mas principalmente com a função burocrática de serem os únicos que poderiam 'carimbar' e selar algum documento, dando o aval para o mesmo.

A partir destes exemplos e também de muitos outros estudos e/ou análises de estudos arqueológicos realizados por pessoas com um objetivo específico de comprovar (ou de

compreender o que em suas concepções já está comprovado) questões bíblicas, é entendível que os estudos de um passado não só auxiliam a moldar concepções deste passado, mas também alteram constantemente o presente e de modo lógico, o futuro. Assim, cada processo arqueológico altera uma linha do tempo-humanitária na prática e deve ser realizado à luz de seus potenciais.

#### **4.5 Considerações finais – A relação social; para além da vida e da morte**

O autor Sentinella (Sentinella, 2008) traz informações em *O enigma das múmias* contrastando a vivência de nossa cultura atual e globalizada com diferentes culturas da antiguidade, no que tange ao tema da mortalidade. De acordo com o autor; "Ainda que a morte seja um fato real que nos acompanha dia a dia, em termos gerais o homem se recusa a aceitar sua existência[...]" sendo que o escritor traz também pontuações que exprimem contrastes já abordados como os relativos ao tempo e espaço:

[...] como cada povo, cada sociedade encarava o inevitável encontro com a morte. Uns com temor, outros como tabu, e até mesmo alguns povos, mais distantes de nossa civilização ocidental, com reverência. Mas nenhum, repito, nenhum com indiferença [...]a importância deste umbral que delimita a vida por um de seus dois extremos transcende ao homem, ao tempo e ao espaço.

Os escritos fazem ainda referência a um aprendizado de vida de David considerando que "...uma vez que nos acostumamos com a onipresente possibilidade de morrer em vida, sentimo-nos enormemente libertos. Descobrimos que em essência somos livres em todas as horas e em todas as situações" e de acordo com as leituras e pesquisas do repórter "Todas as culturas antigas se ocuparam do enigma inevitável da morte, da permanência da alma, da viagem ao mais-além, do cuidado do corpo após a morte..." algo que se confirmou durante a pesquisa ao menos nos

aspectos tangíveis às culturas egípcia e judaica; além de outras que surgiram por vezes com semelhanças durante as leituras e examinações de textos. O que de alguma forma traz o evento mortífero para uma áurea intrínseca ao ser humano e que transporta o tema que já se encontra em transdisciplinaridade para a capacidade de ser pesquisado a fundo por intermédio de conhecimentos psicológicos, filosóficos, e/ou simplesmente mentais. Na abordagem de Sentinella são comentados filósofos como excessões e Voltaire tem frase 'ressuscitada':

Felizmente, são muitas as pessoas no mundo que aceitam ou pregam a possibilidade da existência de algo a mais depois da morte. [...] Uma infinidade de escritores e filósofos de todas as épocas creu nisso. Voltaire, filósofo e polígrafo francês, afirmou "No final das contas, não é mais estranho nascer duas vezes que nascer uma vez.

David segue porém com uma afirmação concernente às religiões da qual pode ser considerado problemática; o autor afirma que "Todas as grandes religiões crêem na existência depois da presente, e, ao longo da história, milhões de pessoas qualificadas, sábios, filósofos e até cientistas têm aceito essa visão como parte essencial de sua vida". Porém é sabido que com grande e penosa dificuldade seria capaz de examinar minuciosamente cada religião incluindo as já esquecidas e as que se criam e re-criam na atualidade.

Através de outras leituras e apontamentos, como o do filósofo Gordon Childe (1960), o historiador Lewis Mumford (1965) o jornalista Tom Standage (2005) e até mesmo com o geógrafo Ruy Moreira (2013) é possível que sejam traçadas algumas ideias entre o desenvolvimento socio-espacial de um grupo humano contido em suas complexidades, com a temática mortuária e que delimita o fim material (ao menos que se tem conhecimento) do ciclo vital do indivíduo que faz parte da mesma, de modo concatenado.

Gordon Childe (1960) aponta em seu livro para questões da história, pré-história e

arqueologia mostrando o imbrincamento das mesmas e posteriormente indo até o que traz avanços para a humanidade, considerando ser a capacidade de se adaptar a meios e/ou modificá-los (assemelhando-se a muitos geógrafos nesta linha de pensamento) e de não ter um corpo limitado. Além disto, discorre sobre a importância da tradição oral e de como esta sintetiza um aprendizado para quem ainda não passou por experiências que demandam tempo, dedicação e recursos energéticos. Através de rápido aprendizado, influenciado por linguagens desenvolvidas e complexificadas não é necessário que as crianças tomem muito do tempo para absorver maiores conhecimentos e, da mesma maneira, é entendível que o ser humano tenha o conhecimento adquirido por outros enquanto recurso, se tornando assim num ser dependente de sabedorias externas à vivência e portanto associável à grupos e buscador de diferentes contatos com seus entes próximos.

Unido com o que alguns podem considerar como um 'sentido humano' de ser, o aprendizado está indissociado da relação social e assim as sociedades de tempos remotos evoluíram seus complexos técnicos/tecnológicos e as cognições em direção a novas percepções. Com uma análise geográfica, alguns espaços de fixamento - ou como algumas culturas o fizeram forrageamento (quando fixam e mudam-se) - foram importantes para o desenvolvimento mais intenso de relações sociais.

Mumford (1965) expõe em seu livro *A cidade na história*; a relação entre a fixação do homem em locais específicos para além dos conhecidos fatores de repulsão - de locos nos quais há perigo - e fatores de atração - para pontos-chave para a obtenção de recursos vitais - discorrendo no capítulo 'Cemitérios e Templos' que um grande motivo para a fixação do homem para com um local específico, tem que ver com uma relação simbólica em especial com os entes queridos que ali foram depositados, sendo colocado nas palavras do historiador que "O respeito daquele homem antigo pelos mortos [...] teve talvez um papel maior ainda que as necessidades

de ordem mais prática, ao fazer com que procurasse um local fixo de encontro e afinal um ponto contínuo de fixação" sendo exposta em seguida a relação do 'homem das cavernas' em questão:

Em meio às andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo. Constituíam marcos aos quais provavelmente retornavam os vivos, a intervalos, a fim de comungar com os espíritos ancestrais ou de aplacá-los (p.15)

Assim o sociólogo tece uma linha argumentativa em torno de sua ideia chave sobre a transição de sociedades mais fluidas para sociedades mais fixas, nesta eterna relação fixo-fluxo que percorre o homem até os dias de hoje, comentando que o ajuntamento de alimentos não incentiva a estadia em uma única localidade, mas que a 'escolha dos mortos' não tinha debate e se firmava em um ponto de modo certo, cabendo aos vivos os atos derivados desta seleção. Seguindo este pensamento, o filósofo traz um comentário relevante:

Há muito tempo atrás, os judeus reclamavam, como patrimônio seu, a terra onde estavam localizadas as sepulturas de seus antepassados e essa bem fundamentada pretensão parece ser primordial. A cidade dos mortos antecede [...] é a precursora, quase o núcleo, de tôdas as cidades vivas.

Esta nota acerca de comportamentos de judeus deve ser examinada com maior procura acerca de detalhes posteriormente, pois apesar de interessante não faz revelações ou dá nomes próprios, datas e fontes específicas, apesar de que de modo geral, porém não tão científico, é verificável em passagens culturais do povo judeu.

De maneira interessante de se pensar, logo após comentar do sentido humano paleolítico e geral e da cultura judaica como exemplo específico, o exemplo específico que se segue é da cultura egípcia; sendo colocado que a maior parte do que restou daquela grande civilização foram

os templos e túmulos.

Outra abordagem destacável e que cabe quanto à correlação do homem-natureza com o ambiente e a sua geologia intrínseca é realizada com o exemplo de grutas calcárias, nas quais são comprovadas ocupações e/ou visitas sendo em particular uma destas comentada que "é possível retrair sucessivas ocupações pelo homem pré-histórico, à medida que a erosão da rocha fazia descer o leito do rio, levantando novos abrigos e expondo novas plataformas mais abaixo." Deste modo se assemelha com concepções da geografia trazidas à luz pelo geógrafo Ruy Moreira (2013) cujo descreve em *Pensar e ser em geografia* o que chama de 'nove espaços'; e que também se conectam com o que chama em outro capítulo de *Categorias espaciais da construção geográfica das sociedades*, que nada mais são do que as delimitações e divisões de processos sócio-espaciais que realizou para explicar o funcionamento de relações de influência mútua entre um grupo social e um ambiente específico.

O processo concebido como 'seletividade', que é não apenas o primeiro processo para a construção geográfica a ser descrito, mas também por isto o processo que resulta no recorte sócio-espacial que pode vir a definir e limitar temporariamente a circulação do grupo social por um ambiente natural e que vai influenciar e modificar os seus arredores paisagísticos e também moldar suas técnicas a partir deste ambiente vivido, o espaço geográfico.

Se tratando ainda da geografia vale trazer o comentário encontrado adentro do livro denominado *Estratificação para a Arqueologia*; escrito por Eduard Pyddoke (1961) no capítulo de fundamentos geológicos e geográficos que é finalizado com uma conclusão interessante acerca da correlação entre as disciplinas Geografia e História:

Pode então ser concluído este capítulo com algumas palavras escritas no início do século XVII: 'Geografia sem História se assemelha com uma carcaça sem movimento, então História sem Geografia vaga como um Vagabundo sem certa

habitação. John Smith, *História Geral de Virginia, 1624*" (1961, p.24).

A partir de exemplos desta inextricável relação de diferentes disciplinas Pyddoke (1961) possibilita compreender o quanto a arqueologia e também a geologia são interdependentes da geografia e da história. O geólogo Charles Lyell mostrou isso quando fez a primeira consideração científica do potencial de resquícios culturais submersos em *Princípios da Geologia* (1832) e auxiliou a arqueologia que se estabelecia no século XIX então como disciplina científica. A correlação, mais antiga do que outra realizada por Einstein, acaba por lembrar a importante conexão realizada por este surpreendente cientista "A ciência sem religião é manca; a religião sem ciência é cega"; e que se encaixa no bojo das discussões deste trabalho.

A geologia pode ser considerada além de influenciadora do ambiente e influenciada pelo mesmo, nas mais diferentes escalas de espaço, como do macro ao micro, capacitando a rios a denudarem paisagens por um lado específico ou possibilitando que culturas que usufruam destas mesmas águas considerem rochas específicas mais sacras e de algum modo símbolos importantes para a utilização diária. Nesse sentido, o granito, o lápis lazuli e outras rochas e minerais como a calcita - que foi fundamental enquanto mineral utilizado para serem talhadas estelas, que são blocos com informações talhadas, são exemplos de uma imbrincação da cultura material desenvolvida por um sistema linguístico e de símbolos por um grupo humano, que também faz parte da própria natureza (porém consciente), usufruindo da mesma.

Se no escasso tempo de pesquisa, com enfoque para a cultura funerária, foi possível reunir a série de conexões culturais (que segue em anexo), tanto de ordem funerária como de outras abordagens, sejam de culturas materiais cotidianas ou mesmo culturas simbólicas, torna-se possível traçar um prognóstico de que com uma maior disponibilidade de tempo para com o projeto, e já embasado com a pesquisa atual, além de outras que se seguirão enquanto diagnósticos de leituras, será possível trazer uma série, maior ainda, de informações para serem

analisadas à luz de diferentes campos de conhecimento, transpassando a interpretação fechada de disciplinas para uma possibilidade transdisciplinar como aqui foi possível utilizar da arqueologia, bem como de parte da teologia, de ciências sociais e da história, além de análises ambientais a partir da geografia, também melhor incrementada ao ser interagida com a geologia.

A natureza que nos compõe pode ser interpretada de diversas maneiras e, no estudo embasado com a geologia, o pó da terra que pode ter significado diferente, ou menos latente, também pode ser analisado com minuciosidade, pois quem estuda e conhece a geologia se torna capacitado para fazer incursões e possíveis descobertas e/ou análises posteriores distantes dos trabalhos de campo.

Com apreço tive a oportunidade de gerar novos questionamentos acerca da relação entre a arqueologia, a história e a teologia, que devem ser trabalhados de modo contínuo, pois considero que na atualidade é de grande importância que a pesquisa seja criteriosa e dotada dos cuidados necessários para o fazer científico.



## **5. CONCLUSÕES**

### **5.1 Ritos Funerários - Quanto a Água**

Para a cultura egípcia se jogava água em quatro porções no corpo no intuito de lavá-lo enquanto que na cultura judaica é descrito em Ner Lechaiym (Dichi, 2006) que se joga água por três vezes. Apesar da coincidência de serem os números atribuídos para a base de pirâmides e os lados; com os significados de materialidade e espiritualidade, as quatro partes de água da cultura egípcia de acordo com Heródoto, apresentam significado relativo aos quatro pontos cardeais, enquanto que para a cultura judaica não foi possível encontrar um significado específico à quantidade de água jogada, no que tange ao morto.

Porém os judeus utilizam de seis, porções de água para lavarem as mãos, utilizando três porções para cada e, em sentido cabalístico (para a parte oculta da cultura judaica), a água é impossível de ser modificada enquanto magia. É interessante e necessário buscar maiores conhecimentos acerca das numerologias para as duas culturas para melhores compreensões acerca destes números de vezes em que partes de água são jogadas.

### **5.2 Ritos Funerários – Quanto a água – parte interna do corpo**

Ambas consideram importante a ausência de água na parte interna do corpo.

### **5.3 Ritos Funerários – Sobre tatuagens – Relação de contradição?**

De acordo com Watson (Traci Watson, 2016) foram encontradas diferentes tatuagens sagradas em uma múmia que datam de mais de 3000 anos; ou aproximados 1000 A.E.C. Sendo as mesmas as primeiras a serem encontradas em uma múmia do Egito dinástico. Neste

sentido ocorre uma diferença antagônica quanto aos costumes judaicos de não se fazer desenhos no corpo, o que se desdobra desde tempos antigos aos atuais.

#### **5.4 Ritos Funerários – Cultura i-material de julgamento pós-morte**

Ambas as culturas consideram a existência de um julgamento.

#### **5.5 Ritos Funerários – Contra a relação sexual com cadáveres**

Após a ocorrência onde se passou a observação de um sacerdote de que outro sacerdote realizava uma relação sexual com o corpo de uma falecida e posteriormente a delação do sacerdote que violava a falecida modificou a maneira que lidavam com cadáveres; descreve Heródoto. O escritor grego coloca ainda que passaram a deixar corpos femininos belos/importantes 'apodrecerem' por 3 dias antes de realizar alguma operação com os mesmos.

Para a cultura judaica violações se fazem impossíveis, pois homens trabalham com corpos masculinos, enquanto que mulheres trabalham com corpos femininos.

#### **5.6 Ritos Funerários – Consideração com o órgão coração**

O coração já foi descrito em evidência para ambas as culturas. Enquanto na judaica é o órgão que está mais conectado com uma parte da vida imaterial *Ruach*, além de ser evidenciado no rasgo de uma roupa para quem se encontra de luto. Na cultura egípcia é conectado com o *Ka* e também com outras partes.

## **5.7 Ritos Funerários – Roupas e golpes**

Heródoto descreve costumes egípcios nos quais pessoas se golpeavam, o que se assemelha em outro momento de pesares da cultura judaica, porém não-fúnebre, apesar de espiritual que é o *Yom Kippur* – dia considerado o mais sagrado para a cultura e ao mesmo tempo um dia em que as pessoas dão golpes em si na região do coração, ao tempo em que confessam com pesar os mandamentos transgredidos.

Para a família egípcia de um morto, Heródoto descreve que tiravam a parte de cima da roupa. Enquanto que é utilizado somente um rasgo na roupagem de familiares do falecido na cultura judaica.

## **5.8 Cotidiano - Quanto à veste**

Há uma semelhança interessante de se pensar, e de pesquisar posteriormente, pois os *calasíris*, citados por Heródoto, sendo tunicas de linho e necessarias para rituais fúnebres, sendo dissociadas de material de lã, se assemelham neste sentido com a cultura judaica.

Heródoto comenta também que era necessário um trabalho corrente para que as túnicas se mantivessem limpas e considerando as impurezas como mutadoras de cores (o que denotou colorações de faixas de lutas enquanto maiores experiências em tempos passados), é interessante pensar que ambas consideram importante que a roupagem de linho seja branca, apesar de que na cultura judaica se trabalham e pesquisam acerca de uma possibilidade de tingimento de um dos fios de azul, para cada agrupamento de fios ao redor da veste.

## **5.9 Quanto à Mágica**

O talmude comenta que de dez partes de magia para o mundo, 9 caíram no Egito. A religião judaica considera possíveis, porém destaca que é uma proibição para os judeus.

### **5.10 Simbolismo - Quanto à pena**

Colocada perante ao nariz do corpo no judaísmo para a verificação de que a pessoa morreu e enquanto simbolo de leveza – também é citada na ontologia de ritos funerários egípcios, como no contexto em que o morto recita a oração de um escaravelho e tem o coração pesado na "sala das duas Maat" perante ao tribunal de Osíris, devendo ter o peso de uma pena de avestruz, para ser considerado leve e ao mesmo tempo de alguém que obedeceu a regras.

## 6. APÊNDICE

Capítulo XXX do Livro dos Mortos; de acordo com Rachewiltz (1993):

*"Fórmula para que el corazón de una persona no le sea arrebatado en la Necrópolis.*

Oh mi corazón ["jb"] de [mi] madre! Oh, mi corazón ["haty"] por el cual existo en la tierra! No te levantes contra mí como testigo! No te opongas contra mí entre los Jueces! No estés contra mí delante de los dioses! No seas intransigente contra mí delante del gran dios Señor del Occidente! Salud a ti, oh, corazón del Osiris Jefe del Occidente! Salud a ti, oh vísceras! Salud a vosotros, oh dioses de la Trenza, potentes por vuestros [lit:sus] cetros! Proclamad el bien para el Osiris N justificado y hacedlo prosperar con Nehabkau. Y he aquí! Por más que me haya unido a la tierra y estoy en la parte del cielo más grande y profunda y aunque [si] yazgo en la tierra, yo no estoy muerto en el Occidente porque yo soy un Espíritu glorificado para toda la eternidad.

[Explicação]

*Para decirse encima de un escarabeo de piedra dura grabado y cubierto de oro que debe colocarse en lugar del corazón de la persona. Éste hará para él la "Apertura de la Boca" después de que sea ungido con unguento fino. Y debe ser pronunciado [este] Sortilegio sobre él:*  
Oh, mi corazón ["jb"] de mi madre! Oh, mi corazón ["haty"] de todas mis formas!"

## 7. GLOSSÁRIO

*Aliteração* - Repetição das mesmas sonoridades numa série de sílabas ou palavras. (Fonte: <https://www.dicio.com.br/aliteracao>).

*Amentit* - Designa como metáfora a "terra escondida", a região dos mortos, a necrópolis. Uma descrição topográfica desta região está contida no "Livro de lo que está en el Hades" ou "Livro dos infernos" reproduzida nos hipogeus reais do Novo Império e nos papiros funerários. Designa também a 'Deusa do Ocidente', de caráter claramente funerário e acompanhada pelos atributos de 'bela, agradável' e semelhantes. Esta divindade abstrata não desfrutou de centros de culto especiais mas o sacerdote se dirigia a ela nas invocações que eram efetuadas sobre o corpo do defunto. (de Rachewiltz; traduzido pelo autor)

*Haty* - O coração no aspecto físico, como órgão anatômico oposto a *Jb*; que pelo contrário, representa ao dito órgão como sede da consciência. (de Rachewiltz; traduzido pelo autor)

*Hipogeu* - Escavação subterrânea constituída por vários compartimentos, onde os antigos depositavam os mortos. Poética Cova... (visto em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=hipogeos>).

*Jb* – O coração considerado como entidade psíquica, sede da inteligência e da consciência (ver *Haty*). Durante a *psicostasia* era colocado na balança e diversas fórmulas do Livro dos Mortos eram concebidas para propiciar-lo. (de Rachewiltz; traduzido pelo autor).

*Lyssos* – Tipo de linho muito fino.

*Micvê* - "A palavra em hebraico *micvê* significa "piscina" ou "conjunto" de água. O único lugar

onde o *Micvê*, como tal, é especificamente mencionado na Torá é no versículo (Levítico 11:36):  
"Somente uma fonte e uma jazida, um conjunto (*Micvê*) de água, será puro..." A Torá não faz uma afirmação direta sobre o que seja um *Micvê*...“ (Kaplan, 2012)

*Paranomasia* - Relação de semelhança entre palavras de línguas diferentes que possuem uma origem comum; conjunto de palavras numa mesma língua, de significados diferentes, mas que também possuem uma origem comum; adnominação; paronomásia. (Fonte: <https://www.dicio.com.br/paranomasia>)

*Parashat Kedoshim* - Fonte: [http://pt.chabad.org/library/article\\_cdo/aid/771037/jewish/Resumo-da-Parash.htm](http://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/771037/jewish/Resumo-da-Parash.htm)

*Psicostasia* - Nome atribuído a uma cena comum representada no Livro dos Mortos que retrata a cerimónia de pesagem do coração. (retirado de [dicionarioportugues.org/pt/](http://dicionarioportugues.org/pt/) )

*Talmude* – Compêndio de debates acerca da *Torá* realizado somando comentários da *Mishná* e da *Guemará*.

*Udyat* – Também conhecido como olho de Hórus.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, M. M. G. de. (Ed.) 2003. *Reinos desaparecidos, povos condenados*. Hemus, São Paulo, 168 pp.
- Bayard, J. P. & Lemos, B. (Eds.) 1996. *Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?* Paulus, São Paulo, 321 pp.
- Berg, P. S. (Ed.) 1998. *Reencarnação - As rodas da alma*. Centro de Cabala, São Paulo, 237 pp.
- Bois, G. (Ed.) 1976. *Crise du féodalisme: économie rurale et démographie en Normandie orientale du début du 14e siècle au milieu du 16e siècle - Presses de la Fondation nationale des sciences politiques, Annales de Bretagne, Paris, 146 pp.*
- Brancaglioni Jr, A. (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro). *Quemis*. Comunicação pessoal. Rio de Janeiro, 2016.
- Brunton, P. (Ed.) 1998. *A Índia Secreta*. Pensamento, São Paulo, 297 pp.
- Childe, G. V. (Ed.) 1960. *O que aconteceu na história*. Zahar, São Paulo, 287 pp.
- David, A. 2014. Hoopoes and Acacias: Decoding an Ancient Egyptian Funerary Scene, *Journal of Near Eastern Studies*. **73**:235-252.
- David, A., Mullins, R.A., Panitz-Cohen, N. 2016. A Mnxprra Scarab from Tel Abel Beth Maacah. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*. **9**: 1-13.
- Dichi, I. (Ed.) 2006. *A Fonte da Vida - uma Abordagem Sobre as Parashiyot*. Ner Lechaiym: Congregação Mekor Haim, São Paulo, 476 pp.
- Droit, R-P. (Ed.). *Filosofia em cinco lições*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 317 pp.
- Duncan, M. C. (Ed.) 1985. *Os grandes mistérios da história e do passado*. Ediouro, Rio de Janeiro, 154 pp.
- Gantzfried, S. (Ed.) 2008. *Kitsur Shulchan Aruch - O código da lei judaica abreviado*. Saraiva, São Paulo, 321 pp.
- Grataloup, C.(Ed.) 1991. *Les régions du temps - Périodes: la construction du temps historique*. Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales e Histoire au Présent, Paris, 191 pp.
- Hébrard, R. J. S., J. M. (Eds.) 2014. *Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era da emancipação*. Editora Unicamp, Campinas, 296 pp.
- Heródoto 484-425. (Eds.) 2016. *Histórias*. Trad.: Maria Aparecida de Oliveira Silva. Edipro, São Paulo, 176 pp.



- Hodder I. (Ed.) 1994. *Interpretación en Arqueología. Corrientes actuales. Edición amplia- da y puesta al día*. Ed.Crítica, Barcelona, 233 pp.
- Jacq, C. (Ed.) 1999. *A Sabedoria Viva do Antigo Egito*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 410 pp.
- Kaplan, A. (Ed.) 2009. *A Torá viva*. Trad.: Adolpho Wasserman. Maayanot, São Paulo, 231 pp.
- Largacha, A. P. 1993. Relations between Egypt and Mesopotamia at the end of the fourth millennium. *Göttinger Miszellen*, **137**:59-76.
- Montet, P. (Ed.) 1946. *A Vida Quotidiana no Egito no tempo dos Ramses*. Trad.: Rogério Fernandes. Livros do Brasil, Lisboa, 391 pp.
- Moreira, R. (Ed.) 2013. *Pensar e ser em Geografia*. Contexto, São Paulo, 172 pp.
- Mumford, L. (Ed.) 1965. *A cidade na história*. Itatiaia, Belo Horizonte, 156 pp.
- Planeta (Ed.) 1974. Revista Planeta, nº 26. Monges desafiam a morte na prova da pedra do inferno. Editora Três, São Paulo, 145 pp.
- Pecha, I. M. (Ed.) 2015. *Jornada da Alma*. Sêfer, São Paulo, 95 pp.
- Pontus, S., Mallick, S., Bortolini, M. C., Chennagiri, N., Hünemeier, T., Petzl-Erler, M. L., [...] Reich, D. 2015. Genetic evidence for two founding populations of the Americas. *Nature*, **525**:104-108.
- Pyddoke, E. (Ed.) 1961. *Stratification for the Archaeologist*. Phoenix House Ltd, London, 512 pp.
- Rachewiltz, B. (Ed.) 1993. *El libro de los muertos de los antiguos egipcios*. Ediciones Destino, Buenos Aires, 281 pp.
- Retailié, D. 1988. Les Modèles implicites dans l'enseignement de la géographie. *L'information Géographique*. **52**: 194-200.
- Roaf, M. (Ed.) 1996. *Mesopotâmia e o antigo Médio Oriente - Coleção Grandes Impérios e Civilizações*. Edições del Prado, Madrid, 128 pp.
- Sentinella, D. E. (Ed.) 2008. *O Enigma das Múmias. Segredos Históricos da arte da mumificação nas civilizações antigas*. Novo Século, São Paulo, 200 pp.
- Silberman, N. A., Carvalho, A. V., Funari, P. P., Mariuzzo, P. 2016. *Desafios para o Patrimônio Mundial: em Busca de Novas Práticas, 1ª Ed*. Paco Editorial, Jundiaí, 102 pp.
- Solsvik, R. 2012. Thor Heyerdahl as world heritage. *Rapa Nui Journal*, **26**: 72-87.
- Standage, T. (Ed.) 2005. *História do mundo em 6 copos*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 256 pp.
- Watson, T. 2016. Sacred Tattoos found on Egyptian mummy. *Nature*, **533**: 155-155

Weil, P. (Ed.) 1989. *As fronteiras da evolução e da morte: os limites de transformação da energia no homem*. Editora Vozes, São Paulo, 131 pp.